

ABELARDO DUARTE

NEGROS MUÇULMANOS NAS ALAGOAS
(OS MALÉS)

MEMÓRIA



EDIÇÕES CAETÉ
MACEIÓ-ALAGOAS-BRASIL

— 1958 —

ABELARDO DUARTE

NEGROS MUÇULMANOS NAS ALAGOAS (OS MALÊS)

Memória lida perante a Mesa Redonda de estudos e trabalhos atinentes à vida e à obra de Nina Rodrigues, no "Instituto Geográfico e Histórico da Bahia", em 16/7/1956, por ocasião das homenagens prestadas ao insigne Mestre no Claquentenário de sua morte e patrocinadas pelo Governo do Estado da Bahia e Prefeitura da Cidade do Salvador, nos dias 14 a 17/7/1956, na capital baiana.



— 1958 —
EDIÇÕES CAETÊ
MACEIO—ALAGOAS—BRASIL

A

AMARO QUINTAS

DANTE DE LAYTANO

ESTÁCIO DE LIMA

EDISON CARNEIRO

LAGES FILHO

MAURO MOTA

NAPOLEÃO TEIXEIRA

RENÉ RIBEIRO

VALDEMAR CAVALCANTI

— e —

WALDEMAR VALENTE

DUAS PALAVRAS

O Islamismo é uma das feições menos estudadas das religiões seguidas pelos afro-negros no Brasil.

Há algumas contribuições sumamente valiosas, é verdade: subsídios pelos quais ficamos tódos sabendo da implantação, feições e extensão do Maometismo nalgumas das comunidades afro-negras no nosso país (Bahia, Rio, Alagoas). Mas, o Maometismo extinguiu-se, como previu Nina Rodrigues. Nem tudo ficou esclarecido.

Os negros muçulmanos — os malês — donos de uma arraigada convicção religiosa, fechados dentro da sua ortodoxia, não fizeram, na observação ainda atilada do grande Nina Rodrigues, proselitismo religioso, tornando-se inevitável o desaparecimento do verdadeiro culto islâmico, pois vestígios, sobrevivências d'êlo repontam, aqui ou ali, nalgum terreiro, ainda hoje.

Esta Memória, que li perante a Mesa Redonda de estudos e trabalhos atinentes à vida e à obra de Nina Rodrigues, no "Instituto Geográfico e Histórico da Bahia", em 16 de julho de 1956, por ocasião das homenagens prestadas ao Mestre maranhense no Cinquentenário de sua morte, revela fatos inéditos, evoca reminiscências, confirma episódios e, antes de tudo, pelos documentos e testemunhos, não deixa mais dúvidas, se por acaso estas ainda

existissem, sobre a presença dos negros muçulmanos nas Alagoas.

Fôram eles os que realizaram a Festa dos Mortos, descrita magistralmente, embora com sentido folclórico ritido, por Melo Moraes Filho, no Penedo; fôram também os insurretos de 1815, na projetada revolta do Natal da-quele ano nas Alagoas; fôram os penitentes fotografados em 1887, no Penedo ainda, pelo Dr. Carvalho Sobrinho; fôram os malês da Roqueira e do Barro Vermelho, Penedo, muito aproximados dos seus irmãos dos centros baianos; fôram os conhecidos mandingueiros, de fama local.

Quis prestar a Nina Rodrigues, na evocação de sua memória, naquela data e na Bahia, onde realizou os estudos e pesquisas que o consagraram como o Mestre inolvidável da africanologia no Brasil, a minha homenagem modesta. E como o fazer, senão elegendo, como tema, um dos seus assuntos prediletos? Muito contribuiu para isto o honroso convite com que fui distinguido por esse outro espírito de escol, o Prof. Estácio de Lima, Mestre como aquêle, dando renome à velha cátedra de Medicina Legal, da Faculdade de Medicina e à mais nova da Faculdade de Direito, ambas da Universidade da Bahia, para participar das homenagens.

Procurei evidenciar o quanto possível a "presença" do negro maometano nas Alagoas, já entrevista por Nina Rodrigues quando qualificou a Festa dos Mortos, do Penedo, na descrição conhecida de Melo Moraes Filho, — de "com certeza uma festa muçulmana". Outros episódios confirmam a origem maometana dessa festa (trago agora, a respeito, uma contribuição iconográfica). Mas, outros fatos ligados aos malês aparecem neste estudo, permitindo ao leitor inteirar-se, de certo modo, dessa "presença", ora perigosa, temida, ora indecifrável, misteriosa, mas sempre incompreendida.

Devo de zar aqui consignado o meu agradecimento ao meu prezado amigo Dr. Aloisio Freitas Melro que foi o portador da fotografia dos velhos malês do Penedo que figura neste estudo; fotografia a mim oferecida pelo meu

ilustre colega e amigo, Dr. Hermilo de Freitas Melro, de saudosa memória, genitor daquele.

Agradeço também aos amigos e pessoas outras que me ajudaram nas pesquisas e me deram informações de grande importância, entre os quais não posso deixar de citar o saudoso jornalista conterrâneo Jurandir Gomes, pela valia de seus dados e segurança de certas pistas, conhecedor do passado penedense, como ele o foi.

A. D.

*435, Av. Fernandes Lima (Farol).
Maceió, 1958.*

O Islamismo organizou-se em seita poderosa; vieram os mestres que pregavam a conversão e ensinavam a ler no árabe os livros do Alcorão, que também de lá vinham importados.

NINA RODRIGUES
(Os Africanos no Brasil)

"Estes Malês vestem-se à mourisca, e em parte seguem a Lei de Maomé, misturada com Deísmo, Idolatria e Lei Natural; de forma que adoram o Sol como primeiro e luminoso Astro do dia; não comem coisa que padeça morte, salvo o cordeiro por três mortos, de cujas vítimas fazem seus sacrifícios e holocaustos. Finalmente, é, como digo, o adultério o que culmano entre eles."

Po. VICENTE FERREIRA PIRES
(Viagem de Africa em o Reino de Dabomé)

Os alufás não gostam da gente-de-santo a que chamam anassadó-chum; a gente-de-santo despreza os bichos que não comem porco, tratando-os de Malês.

JOAO DO RIO
(Paulo Barreto)
(AS RELIGIÕES DO RIO)

Os Malês — chamaremos assim com o uso os negros muçulmâs — são adeptos, no Brasil, de um islamismo rui-generis, que já veio deturpado da Africa por aluviões fetichistas e mais se transformou aqui, ao contacto com outras formas religiosas.

ARTHUR RAMOS
(O Negro Brasileiro)

INTRODUÇÃO

SINTESE DA ISLAMIZAÇÃO DA AFRICA

Distinguem-se nitidamente quatro fases na islamização da África, segundo Albert N'goma (1), "cada uma assinalada por progressos sensíveis e seguida de estagnação ou mesmo retrocesso". A saber, I — fase Bérbere; II — fase Mandinga; III — fase Songoi; IV — fase Peuhl.

- I) **Fase Bérbere** — Povos da África Setentrional, afeitos ao nomadismo e distintos da raça árabe, mas islamizados pelos contatos com os árabes, através do deserto, os Bérberes iniciaram o processo de islamização da África. Destruíram o Império de Ghana, do Sudão Ocidental, implantando novas dinastias, após lutas tremendas sustentadas (pelos Almoravidas). O domínio desse grupo numeroso estendeu-se até ao XIV século, quando outra hegemonia surgiu.
- II) **Fase Mandinga**—Uma nova preponderância veio a estabelecer-se com os Malinké, da família dos Mandinga, já convertidos ao Islamismo. Nasceu, então, o Império dos Malinke. Não souberam os Mandinga manter, porém, a unidade da sua grande família (linguística). "A fé islâmica dissipou-se, de alguma forma, por um regresso triunfante do animismo" (Alberto N'goma). O Islamismo não foi mesmo aceite por todos os grupos, havendo por isso espalhadas diversas crenças.
- III) **Fase Songoi** — Em pleno século XVI, há um movimento de retorno ao Maometismo, com a hegemonia da dinastia dos Askia. "É o grande período do Islão negro: Gao, Tombuctou, Djenné, cidades sábricas e plédezas, tornam-se o ponto de encontro (rendez-vous) dos letrados e juristas".
- IV) **Fase Peuhl** — O grande grupo linguístico e étnico dos

(1) L'Islam Noir — "in Monde Noir" (Preséncia Africaine, número especial)

Peuhl encorrou a islamização da África. A fase Peuhl teve inflexão no fim do século XVIII. Estão esses povos divididos em dois grupos: nômades e pastores. Os primeiros, que assimilaram mais os traços negróides, são justamente os maometanos. Não abandonaram os ensinamentos recebidos e ainda hoje os conservam.

No seu estudo sobre "O Islão Negro" (*L'Islam Noir*), observou Albert N'goma que "o negro experimenta um verdadeiro prazer ao revestir-se das amplas túnicas (*robes*) dos Muçulmanos, a cobrir-se dum fez ou duma *chéchia*, a prostrar-se em público, cinco vezes por dia, na direção da Meca em imitação do Profeta. Tudo o que é árabe ou muçulmano: uma jóia, um tecido, um simples crômo representando qualquer personagem ou qualquer cena ilustre do Islão suscitam o mais vivo interesse entre as populações autóctonas". Esse o estado de coisas atual das "massas" negras". Mas, salienta ainda o citado autor, "se a massa ignora, pouco mais ou menos, tudo do dogma e da fé corânica; se ela superpõe sem perturbação de espírito um Islão superficial e formal às suas crenças e aos seus gestos tradicionais, há um elite possuindo uma cultura islâmica e árabe. Numerosos negros insinam a ler e a interpretar o Corão, que, durante treze séculos, constituiu para a maioria dos Muçulmanos o livro único: ao mesmo tempo, cartilha, manual de oração, código de direito canônico, livro de meditação. Negros em maior número do que se pensa, sabem redigir com correção o Árabe clássico. Páginas distintas da literatura árabe devem-se a indígenas do Senegal, do Fouta, de Tombouctou e da Nigéria." — Ora, essa nata intelectual sempre existiu, naturalmente hoje mais do que ontem. E quadro semelhante ao que se esboça, no panorama espiritual da África, nos tempos que correm, teria ocorrido outrora. Daí, se da "massa" islamizada mais ou menos inculta vieram representantes para o Brasil, também o mesmo se deu com a chamada "elite". E Nina Rodrigues bem advertiu: "não eram negros boçais os Haussás, que o tráfico lançava no Brasil". (*Os Africanos no Brasil*, pág. 70). Explicam-se, deste modo, no que não há evidentemente novidade em dizer, os casos de negros maometanos portadores de certa cultura espiritual, negros escrevendo em árabe, interpretando o Corão, como houve no Brasil, notadamente na Bahia. Só assim se explica o inconformismo negro-maometano, cujas demonstrações ou exemplos vivos ficaram bem patenteados nas sublevações ocorridas naquela e outras províncias e na projetada para explodir, em 1815, na antiga comarca das Alagoas. Como na organização do culto maometano.

Também, Fred Blanchot (2) que percorreu o continente africano, dá um testemunho da influência árabe sobre o território da África quando aborda o tema "Maomé no Continente Negro".

Os Marabus, sacerdotes do culto, "bondosos para os pobres, vão de tribo em tribo, como missionários ensinam a mocidade a ler o Corão e a escrever, aumentam o conhecimento dos seus alunos e iniciam-nos na aritmética, na astronomia, no direito, na

(2) Os estranhos costumes do Continente Negro. Trad. Liv. Martins, Porto.

teologia; ensinam que só é digno morrer aquêle que, com o seu coração generoso, perfumou o caminho da vida; confessam os seus paroxismos cor de ébano e anunciam a manhã com as suas vozes altissonantes" (Fred Blanchod).

São bem ilustrativos êsses trechos citados, embora se refiram especificamente ao panorama contemporâneo da África. Entretanto, não é justo desconhecer o gráu de desenvolvimento intelectual e espiritual de muitos dos negros maometanos que o tráfico lançou no país. Negros islamizados, marabus ou sacerdotes que o destino fez aportar nas terras brasileiras, na triste condição de escravos e objeto de comércio vil, equiparados a irracionais, pois posta de lado era quase senão de todo a natureza da pessoa humana. Marabus, mestres espirituais, não negros bôcals, como se quer às vezes generalizar, que se impregnaram do misticismo do Profeta e aqui não esqueceram a tradição e a fé corânicas e persistiram na sua missão espiritual.

Joseph H. Greenberg (3), no seu último e importante estudo, mostra a extensão do contato dos Haussás com o Islão. Formando um grupo numeroso, como se ser, ainda hoje, o Haussá, que abrange todos os povos do Sudão Central e Ocidental falando o haussá, língua-mãe e verdadeiro traço de união linguístico-tribal, e representado pelas populações nativas do norte da Nigéria, principalmente foi o mais influenciado pelo arabismo.

O contato com o mundo árabe deixou, até o momento, os sinais mais vivos, mais positivos, como se conclui pelo predomínio do Maometlismo, naquela imensa área.

Aquêle autor, em obras anteriores (4,5), já havia perfeitamente salientado os aspectos particulares que o Islamismo afro-negro oferece, sabido que o Islamismo não foi assimilado na sua feição total. Os contatos culturais, ou mais propriamente falando, os de natureza aculturativa, deram-lhe uma expressão típica. No seu trabalho "The Influence of Islam on a Sudanese Religion" melhor ainda se apreende o que se passou no campo religioso, nesse particular. O Islamismo misturou-se (aculturação religiosa) às antigas crenças dos nativos, surgindo sob novas feições, no mundo africano. Esse Islão emigrou para o Novo Mundo com as levas de sudaneses islamizados. Vê-lo para o Brasil. As marcas islâmicas ainda o atestam.

(3) *The Influence of Islam on Sudanese Religion*, 1946.

(4) *The religion of a sudanese culture as influenced by Islam a study in non-European acculturation.*, Summ. of. Doctoral Dissert., 1940.

(5) *Some aspects of Negro—Mohammedan culture—contact among the Hausa*, 1941.

NOTA — Para maior conhecimento sobre o assunto, consultar *The Influence of Islam on a Sudanese Religion*, Joseph H. Greenberg, 1946.

CAPÍTULO I

OS MALÊS

"...*tous les infidèles.*" — Francis Castelnau
"(Renseignements sur l'Afrique Centrale")

A) O ISLAMISMO AFRO-NEGRÓ E SUA INTRODUÇÃO NO BRASIL — A PRESENÇA DE NEGROS ISLAMIZADOS (MALÊS) NAS ALAGOAS, ESPECIALMENTE NO PENEDO.

A infiltração do Maometismo na África ocorreu sabidamente desde época remota de sua atribulada história, disseminando-se posteriormente em larga extensão de seu vasto território.

Levado ao seio das populações africanas pelos Bêrberes, o Maometismo atraiu, com facilidade, inúmeros desses grupos nativos, tendo a outros alcançado, porém, após lutas e guerras santas, as *jihads*.

A tradição faz remontar ao século XI a torrente invasora que, partindo do Egito, seguiu para o noroeste. A África pagã sofreria, assim, seguida e continuamente, a influência árabe, que outros pensam ter tido origem na região dos Somalis. De qualquer forma, operou-se de há muito a islamização da África, e esta passou a assistir à

formação de vários reinos sob o domínio de chefes sectários. Essa avassaladora pressão muçulmana chegou, nos séculos XVI e XVII, ao Sudão e a outros pontos (Núbia, Darfour, etc.). No Sudão, principalmente, enorme massa humana converteu-se ao Maometismo.

Tornou-se o continente africano teatro de renhidas lutas religiosas — as guerras santas — para a submissão dos nativos não islamizados; transformou-se num centro de grande agitação muçulmana, como quando da conversão dos povos "haussas" à doutrina de Mamoé, já no século XIX.

Claro que, recebendo o Brasil, por via do tráfico negreiro, os mais diversos povos daquele continente, não poderia deixar de receber deles também a contribuição cultural.

A ponte espiritual que se estabeleceu entre a África e o Brasil, nesse particular, construíram-na assim os representantes desses grupos ou povos islamizados que o tráfico de escravos encaminhou para o nosso país. Veio o Maometismo para florescer em algumas comunidades afro-negras da Bahia, do Rio de Janeiro e das Alagoas, chegando a possuírem estas culto organizado. Notadamente na Bahia, mercê de maior concentração de negros Mandingas, Peuhls, Gurunsi e Haussás, aportados pelo comércio escravo, o Islamismo propagou-se rapidamente e passou a constituir a religião dos tipos negros mais instruídos e mais inteligentes. Porém, não se limitou aos representantes daquêles povos do Sudão. Também os da Guiné, em grande parte, seguiram o Islamismo, aqui se convertendo ou já trazendo as suas próprias convicções religiosas. De modo que, no Brasil, o Islamismo, carreado e propagado pelos negros Malês ou Muçulmi (denominação aplicada, a princípio, àquêles povos e, depois, estendida a todos os que seguiram o Islamismo) não se erigiu apenas numa atividade religiosa dos seus adeptos, numa evasão espiritual, mas serviu ainda de instrumento para a insubmissão, nascendo daí um verdadeiro irreden-

tismo místico-religioso, que salpicou de sangue as alvas brancas dos penitentes negro-maometanos.

O assunto tem sido esmiuçado quanto às comunidades afro-negras da Bahia e Rio, em particular.

Destacadamente, Manuel Querino, Etienne Brasil, Arthur Ramos, João do Rio, Luiz Vianna Filho, Edison Carneiro, Gustavo Barroso, Waldemar Valente, entre outros, constituíram o grupo de estudiosos que reconstituíram as pégadas do Islamismo afro-negro no Brasil, estudando-o sob vários aspectos, inclusive nas suas últimas manifestações, sob a forma de *marcas* ou *sobrevivências*. O precursor Nina Rodrigues (1) procedeu a investigações que lhe permitiram escrever os dois vastos capítulos de sua obra-póstuma — “Os Africanos no Brasil” (Cap. II — *Os Negros Maometanos no Brasil* e Cap. III — *As sublevações de negros no Brasil anteriores ao século XIX — Palmares*), analisando minudentemente os aspectos vários de que se revestiu a presença do negro islamizado no solo brasileiro, em especial no território da Bahia.

Arthur Ramos (2) dedicou um capítulo inteiro (Cap. IV — I vol.), da sua obra mestra “Introdução à Antropologia Brasileira” aos *Negros Maometanos: o Grupo Malé*, em que exaustivamente tratou do assunto, desde a influência do Islão na África até a presença dos negros islamizados e seus vestígios no Brasil.

Na parte final do trabalho de Arthur Ramos, há uma referência a duas “seitas poderosas que se disputavam a primazia: a de *xangô* e a de *malé*”, nas Alagoas. O fato também é referido no seu livro “O Negro Brasileiro”. Voltarei a tratar da existência dessas seitas no final deste meu estudo, quando procuro mostrar a *diferença* fundamental que existe entre elas e o *culto* praticado pelos

1) Nina Rodrigues — *Os Africanos no Brasil* — Brasília, vol. XIX.

2) Arthur Ramos — *Introdução à Antropologia Brasileira* — 1.º vol.

negros muçulmanos do Penedo (Alagoas), negros que, como os da Bahia e Rio, fôram ortodoxos.

Também, Alfrêdo Brandão (3) no estudo "Os Negros na História de Alagoas" que escreveu para a coletânea "Estudos Afro-Brasileiros" (C. Brasil.) refere-se aquelas duas *seitas* (não culto organizado) que existiram em Maceió, nos começos do século atual — a de *xangô* e a *malê*. Seitas que representam uma forma de sincretismo religioso, uma exteriorização daquilo que já se afirmou, desde Nina Rodrigues, isto é, a intolerância dos negros pela ortodoxia muçulmana.

O africanologista Waldemar Valente (4) no seu livro "Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro" estudou as "marcas muçulmanas" em Pernambuco e que lhe parecem já esmaecidas pelo contato com outros grupos religiosos. Em nova obra, Waldemar Valente (5) voltou a tratar, com maior amplitude, das "Influências islâmicas nos grupos de cultos afro-brasileiros de Pernambuco", passando em revista os aspectos de maior interesse científico da sobrevivência do maometismo afro-negro em Pernambuco, especialmente no Recife, teatro de seus estudos.

Devo dizer, às primeiras páginas deste estudo, que procuro restabelecer alguns pontos históricos (tratados alguns em primeira mão até, entre nós) quanto à existência de negros Malês nas Alagoas, firmando em definitivo o assunto em bases de documentação, além de mostrar também documentadamente, que tais tipos negros mantiveram práticas de culto organizado.

Mesmo, não se concebe, por exemplo, que negros islamizados, negros muçulmanos, se paramentassem com as

3) Alfrêdo Brandão — Os Negros na História das Alagoas — in "Estudos Afro-Brasileiros". Civ. Brasileira.

4) Waldemar Valente — Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro — Brasileira.

5) Waldemar Valente — Influências Islâmicas nos grupos de culto afro-brasileiro de Pernambuco — "Boletim do Instituto de Pesquisas Sociais Joaquim Nabuco" — Recife.

suas insignias religiosas para *brincar*. Só o desconhecimento de certos motivos religiosos dos afro-negros explicaria tal errôneo conceito, pois os afro-muçulmanos eram rigidos no seu ponto de vista religioso.

Os negros, que professavam o Maometismo, tinham, como se sabe, absoluta persuasão dos dogmas pregados nos versículos e suratas do Corão, jamais se afastando dos ensinamentos recebidos. Eram ortodoxos, apesar da sua situação social.

Seguiam êsses ensinamentos, até mesmo quando Maomé ordena: "Matai os que não crêem em Alá (Allah) nem no dia de juízo, e que não proibem o que Alá e seu Apóstolo proibiram; e também tódo aquêle que não praticar a religião da Verdade." (Corão) A prova, temô-la nos levantes negros.

Tais convicções religiosas foram, em verdade, a causa desses levantes (de negros islamizados) em vários pontos do território brasileiro, na Bahia, especialmente, onde tiveram a sua expressão mais alta, na Revolta dos Malês.

O Corão não só exorta à *jihád* (guerra santa), como faz crer que os que morrem na luta santa estarão junto a Deus: "Não creais que os que sucumbiram na via de Deus estejam mortos; êles vivem ao pé de Deus e recebem dele o alimento". (Corão) Isso contribuiu muito para a obstinação que marcava o sentido dessas lutas.

O aspecto prôpriamente das *sobrevivências* negro-muçulmanas nos atuais terreiros alagoanos, a cujas pesquisas me venho, de longa data, dedicando — com espírito científico — será objeto de maiores explanações em novo estudo que pretendo publicar.

É uma questão encerrada, pois, a presença de negros muçulmanos nas Alagoas, em épocas passadas.

Vindos uns com o tráfico, diretamente para o território alagoano, outros se transferiram para aqui no comércio interno, como outros ainda se fixaram nas Alagoas, fugidos ou evadidos da Bahia, durante as constantes lutas religiosas ocorridas nesta última Província.

Nas listas, como adiante citarei, de Africanos livres remetidas ao Governo Provincial das Alagoas, pelo Curador Dr. João Camilo de Araújo figuram negros *haussás*, *mandingas* e *nagós*. Isto em época relativamente recuada, porquanto até 1888 eles ainda se encontravam (os últimos abencerragens) em atividade religiosa. Depois daquele ano, com a Abolição da Escravatura, mudou de aspecto a vida religiosa das comunidades negras no Brasil inteiro, acontecendo fato idêntico nas Alagoas. A "longa viagem de volta" foi por eles realizada, isto é, por aquêles a quem o destino reservou essa graça.

Nas Alagoas, a presença de negros islamizados mostrou que eles se uniam espiritualmente à comunidade baiana, no plano geral de insubmissão cujo foco principal foi a Bahia — séde das maiores lutas verificadas e também o maior centro espiritual do Maometismo professado pelos negros no nosso país.

B) ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA *MALÊ*; SUA INTRODUÇÃO NO BRASIL.

Ab initio, por que são chamados "malês" os negros islamizados? Etimologicamente, segundo o ensinamento tão conhecido de Nina Rodrigues, o vocábulo "Malê" seria uma ligeira e insignificante corrupção de Melle, Mellê, Mali ou Malal, donde também vem "Malinkê" ("Malinkê, gente ou homem de Malī") (6)

No estudo de uma língua, qualquer que ela seja, é de regra procurar-se saber a causa da introdução de um termo e a sua verdadeira significação, além dos fenômenos sofridos quando se trata de elemento vindo de outra língua estranha.

O termo exótico "Mali" entraria para o português do negro falado na Bahia e nas áreas de sua influência, sofrendo a mudança do *i* em *ê*, dando *Malê* (= Mali — *i* + *ê*). fenômeno linguístico corrente em tais situa-

6) Nina Rodrigues — Op. cit.

ções. Renato de Mendonça (7) é também de opinião que Malê (Mallê; sm: negro muçulmano vindo do Sudão) é "corrupção do nome geográfico *Mali*, afamado império africano. Há o sinônimo Malinkê".

A significação que recebeu o vocábulo Mali — Malê no português do negro no Brasil — foi, porém, torpe, ofensiva. Não resta dúvida. Nina Rodrigues atribuiu-lhe essa significação injuriosa e andou certo. Tão certo que outros fatos posteriormente ocorridos confirmam essa significação pejorativa que lhe emprestou.

Por ocasião do aparecimento, por exemplo, de "O Negro Brasileiro", escreveu Luiz Lavenère o seguinte: "A leitura do livro do Dr. Arthur Ramos — "O Negro Brasileiro" — despertou-me lembranças de mais de cinquenta anos, quando cheguei ao lugar em que fala do vocábulo malê, citado como de significação duvidosa". E sobre esse discutido vocábulo, acrescentou o erudito alagoano Luiz Lavenère: "O mais interessante, porém, é o caso do termo malê. Não sei ao certo o que exprime se não que deve ser alguma coisa injuriosa, como supôs o Dr. Arthur Ramos.

"Por isso:

"Uma vez havia eu ouvido de negros, que altercavam, uma frase assim: *malê ocô ô*.

Indaguei da negra que me ensinava palavras de nagô e apenas me respondeu que era muito feio e aconselhou que eu não dissesse aquilo. Mas, eu disse, na primeira oportunidade, a uma negra velha que se enfureceu e proferiu uma embrulhada de palavras num português levado da breca. E sempre aconteceu assim quando eu repetia a frase a outros negros. Nunca encontrei essas palavras em vocábulos africanos. A observação serve apenas para comprovar o sentido injurioso atribuído pelo Dr. Arthur

7) Renato Mendonça — Influência africana no português do Brasil — Brasília.

Ramos ao vocábulo malê." (8) Reputo de grande valia essa curiosa observação do Prof. Luiz Lavenère. Ouviu, êste de viva voz, de velhos escravos nagôs a frase deprimente. Conta Luiz Lavenère que — fato a assinalar devidamente — quando era menino conversava com "negros originários do Congo e Angola" e chegou a aprender mesmo da boca de uma escrava negra palavras da língua nagô. Dêsse seu depoimento se conclui: a) a significação emprestada ao vocábulo malê era inegavelmente injuriosa; b) nas Alagoas, como na Bahia, possuía a mesma significação.

A Nina Rodrigues se deve, porém, a opinião de que malê é uma corrutela de Mali (ou de Melle, Mellé, Mala!), e de que possui significação ofensiva. Arthur Ramos esposou apenas a opinião de Nina Rodrigues; e para corroborá-la incluiu a observação de Francis Castelnau que eu considero tão importante quanto a de Luiz Lavenère se não a dêste mais ainda.

O termo *malê* deve ter sido introduzido no nosso país ao tempo dos negros Mandês ou Malinkes, também chamados Mandingas e não por estes. Acredito que, sendo os Mandingas, pelo menos alguns dos seus grupos, povos islamizados, fôram pelos não islamizados — os Nagôs, por exemplo, pois muitos não se islamizaram — assim chamados, pejorativamente, isto é, negros muçulmanos originários de Mali. Tanto assim é que os Haussás, considerados os *verdadeiros negros maometanos*, os que praticaram o culto a Alá (Allah) com maiores rigores e sucederam aos Mandingas, tomavam o termo *malê* como deprimente, ofensivo, porque, na sua significação local, queria exprimir o que seguiu o islamismo, ou seja uma espécie de apóstata — porque não adotou a religião geral.

Os muçulmanos não chamavam a si próprios malês, embora o vocábulo acabasse mesmo os qualificando, a to-

8) Luiz Lavenère — A propósito de "Malê". "Gazeta de Alagoas", 18.12.934.

dos. Essa interpretação não aberrá, evidentemente, do que se sustenta ácerca do termo Malê e sua significação.

Malês ou Muçulmi foram chamados na Bahia e nas Alagoas (Penedo), os negros islamizados; Alufá, no Rio de Janeiro.

Para Arthur Ramos, "a origem do termo *muçulmi* é clara; trata-se evidentemente de uma corruptela de *muçulmano*, com as formas *muçulmi*, *muçurumi*, *muzurumim*, *muçurui*", consoante suas pesquisas nas macumbas do Rio e da Bahia.

É evidente que a expressão *Malê*, significando negro islamizado, em sentido pejorativo, se applicou a princípio aos Peuhl, Mandingas, Haussás, Tapa... mas generalizou-se a todos os negros que seguiam o Islamismo. Fôra mesmo esta a observação de Castelnau (9), quando esteve na Bahia e aliás já citada por Arthur Ramos. Seriam, pois, "*tous les infidèles*".

Entretanto, para diferenciar a procedência, são distinguidos neste estudo os negros *Haussás* e *Nagós*, quando fôr o caso.

9) Francis de Castelnau — Renseignements sur l'Afrique Centrale, etc. Paris, 1851.

NOTA — Com a publicação da "Viagem de África em o Reino de Dahomé", obra incluída na "Brasilliana", (*) prestou o Dr. Clado Ribeiro de Lessa grande serviço á elucidacão de vários aspectos da vida daquele célebre Reino que manteve durante muito tempo tráfico de escravos negros com o Brasil.

Um dos pontos de maior interesse no que tange ao assunto d'êste estudo é a referéncia, no citado livro, de negros Malês no território africano e o emprego dessa mesma palavra (grafada exatamente Malês) para significar os que adotavam o Maometismo. O pe. Vicente Ferreira Pires que viajou da Bahia directamente para a Costa da Mina (aliás, precisamente, partiu o reverendo em 29 de dezembro de 1796, na companhia do príncipe etíope D. João Carlos de Bragança e de outro reverendo, pe. Cipriano Pires Sardinha), encontrou negros islamizados no Dahomé, e chamou-os pelo nome de Malês.

O relatório dessa viagem encontrava-se na Biblioteca da Ajuda, devendo-se agora ao Dr. Clado Ribeiro de Lessa a sua publicação em livro, com os dados, anotações e comentários que houve por bem acrescentar e completou o trabalho de descrição dessa aventureira viagem. Colaboração verdadeiramente notável.

A publicação do livro do Dr. Clado Ribeiro Lessa data de 1957, posterior à apresentação do meu ensaio, na Bahia, razão porque não figura nenhuma alusão, no texto, ao Códice do pe. Vicente Ferreira Pires, que se conservava inédito.

Publicando agora o meu trabalho, achei de bom alvitre fazer referência ao fato, especialmente tratando-se de um testemunho valioso. E também não alterar — o que me repugna fazer agora — o que eu havia escrito e lido na Bahia, em 1956, e que, aliás, coincidia com a lição dos mestres. Eu já havia lido, há tempos, porém, em apreciável trabalho de Nelson de Senna (*Africanos no Brasil*), que se trata de uma voz africana congoleza ou guineana; *Malé* (*Malés*, pl.) seria assim, africanismo. E, ao enumerar os idiomas primitivos falados no território da África Negra e ouvidos muitos deles no território brasileiro, cita Nelson de Senna *Mali*, "nome dado ao idioma Mandê ou Mandinga"; *Malinkê*, "outro qualificativo do idioma Mandingo falado por negros muçulmanos (*Os Malés-Mandingas*)"; *Mandê*, "idioma igualmente conhecido como Mandinga". Já o "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa" registra *Malé*, s. m. e f., como brasileirismo. Arthur Ramos julgou que *Malé* "não é mais do que uma pequena modificação dos termos *mel*, *mellit*, *melal* e *malei* que os semitas e árabes davam aos povos *Malinke*", etc.

O Pe. Vicente Ferreira Pires ouviu o termo *Malé* no Dahomé, justamente numa área cultural não islamizada. Tudo mostra, pois, que não há, a respeito de *Malé*, uniformidade de vista.

Voz africana legítima ou transliteração, *Malé* passou ao português do negro no Brasil. É a verdade. Tanto que logrou obter foros de brasileirismo.

O pe. Vicente Ferreira Pires, como mostrarei nos períodos transcritos a seguir, refere-se não só aos negros islamizados chamados *Malés* no Dahomé ("*Estes Malés*", "*os ditos Malés*", "*melros pretos chamados Malés*), como descreve algumas práticas do ritualismo muçulmano por eles seguido, embora a descrição seja feita grosseiramente. Aliás, o Dr. Clado Ribeiro Lessa salienta mesmo que "o livro do padre Vicente Ferreira Pires, sob o aspecto literário e gramatical deixa muito a desejar, atestando cabalmente o mau juízo que das suas letras faziam os contemporâneos". A transcrição de trechos do relatório do padre Vicente Ferreira

Pires mostra que o termo Malês era corrente na África, donde se deduz que sua introdução no Brasil (na Bahia e nas Alagoas) seria obra dos traficantes, pois os negros islamizados vindos da África já eram assim conhecidos pelo nome de Malês, em seu próprio território de origem. (Não seria, pois, como parecia, termo criado ou modificado no Brasil, pelos outros negros para designar os apóstatas, isto é, os que não seguíam o feticchismo, embora sua acepção injuriosa, por isso mesmo, seja verdadeira).

Para maior clareza, resolvi transcrever do livro em apreço os trechos seguintes:

Escreve o pe. Vicente Ferreira Pires, na sua "Viagem de África em o Reino de Dahomé":

"Entre estes Etlópez há, em Dahomé, uma pequena povoação onde existe, com licença do Rei, certa porção de molros pretos chamados Malês, que são de uma Nação confinante com a de Dahomé pela parte do Norte."

E mais adiante: "Estos Malês vestem-se à molrisca, e em parte seguem a Lei de Mafoma, misturada com Deísmo, Idolatria e Lei Natural; de forma que adoram o Sol como primeiro e luminoso Astro do dia; não comem coisa que padeça morte, salvo o cordeiro por eles morto, de cujas vítimas fazem seus sacrificios e holocaustos. Finalmente, é, como digo, o adultério mussoí, mano entre eles."

Outro período: "Permitiu o cazo (sic, em vez de acaso observação do Dr. Clado Ribeiro de Lessa) termos nós encontro com um destes Malês. Soube que, vizinhos a eles habitavam outros Molros, de cor baça, bem como mulatos, e que ainda ao Norte destes tinham por vizinhos outros molros brancos, os quais dizem que confinam com os Molros europeus. Estas três qualidades de Molros reciprocamente comerciam, mas, nos domínios de Dahomé só tem licença para entrar os Malês."

"Para finalizar a minha história resta ainda dar uma fiel cópia do caráter destes Impios de Dahomé. Com efeito são bárbaros, pelo que respeita à Idolatria, inhumanos o mais possível, carniceiros, por que só saclam o seu prazer com verem e fazerem derramar sangue; e tanto mais quanto maior é o gosto."

(*) Clado Ribeiro de Lessa — Viagem de África em o Reino de Dahomé, etc. — *Brasilliana*, vol. 287, 1957.

CAPITULO II
OS HAUSSÁS E NAGÓS

Não eram negros boçais os Haussás, que o tráfico
lançava no Brasil.

NINA RODRIGUES
(“Os Africanos no Brasil”)

**A) AS INSURREIÇÕES NEGRAS E O ISLAMISMO;
REFLEXOS OU ARTICULAÇÕES NAS
CAPITANIAS E PROVÍNCIAS.**

HÁ, acêrca da escravidão no Brasil, guardados nos escaninhos dos arquivos públicos e esquecidos no fundo das gavetas, muitos documentos inéditos, que escaparam da destruição que se verificou em 1888, bem como fatos da maior importância histórica e social permanecem em silêncio nas narrativas dos historiôgrafos e nas páginas dos compêndios de história pátria. Não foi sem razão que, tratando da revolta de negros ocorrida em 1833, em Vassouras, na Província Fluminense, disse o historiador Gustavo Barroso que “aindá está para ser devidamente escrita, com todos os pormenores, a história da escravidão no nosso país.”

E, a propósito do desconhecimento de certos pontos

de vista da sua história, acrescentou: "Até agora somente tem sido descrito algum dos seus aspectos; mas inúmeros existem e dos mais interessantes completamente ignorados. Um deles é, sem a menor sombra de dúvida, o das organizações secretas e religiosas da escravaria, com poderosa atuação em movimentos insurrecionais, cabendo entre elas o primeiro lugar aos famosos Malês ou negros auçás muçulmanos da Bahia, que várias vezes se rebelaram do fim do século XVIII à primeira metade do século XIX. Essas conspirações baianas tiveram articulações ou repercussões em outras províncias do Império, nas quais o desenvolvimento da lavoura implicava na existência de numerosos escravos". (10).

As rebeliões negras da Bahia (*) foram quase todas promovidas pelos Malês (Haussás ou auçás), aliados noutras ocasiões aos pretos Nagôs e nelas se tem procurado enxergar um *substratum* religioso, um fundo místico, embora reconheça Luiz Vianna Filho (11) não existirem "elementos precisos para se inferir com segurança sobre os fundamentos religiosos das rebeliões promovidas pelos escravos, sobretudo pelos sudaneses, cuja atitude de insubmissão dava à Bahia esse aspecto de inquietação, contrastando com a calma do Recife, onde eram de número insignificante, segundo a observação de Gardner." Aos Haussás e Nagôs deveu a Bahia um largo período de inquietação e lutas armadas. Até às Alagoas chegou também o reflexo desse irredentismo negro-muçulmano, com a esboçada e fracassada revolução ou insurreição Malê de 1815,

(*) Insurreições dos haussás: 1807, 1809, 1813 e 1816; as de 1807 e 1809 foram antes levantes de pequena proporção, sendo o de 1813, o mais importante. Insurreições dos nagôs: 1826, 1827, 1828, 1830 e, finalmente, 1835, cujo caráter religioso ficou plenamente assinalado.

10) Gustavo Barroso — A Maçonaria Negra de Vassouras. In "Revista da Semana", Rio.

11) Luiz Vianna Filho — O Negro na Bahia — Col. Documentos Bras.

que a sagacidade e a diligência do Ouvidor da Comarca das Alagoas Antônio Ferreira Batalha fizeram abortar. Prendendo os cabecilhas, tomando medidas preventivas e "cuidando cautelosamente de verificar a existência, nesta Comarca, dos negros fugidos da sedição da Bahia". (12) o Ouvidor Batalha desarticulou os negros e impediu-lhes o intento, "a intimação criminosa", como disse êste no seu officio ao governador e Capitão Geral de Pernambuco.

Devem constar dos arquivos as peças do processo a que responderam os negros implicados nesse projetado levante. O Ouvidor Antônio Batalha — Antonio José Ferreira Batalha — que foi o décimo oitavo da Comarca das Alagoas, e último aliás, presidiu em pessoa ao auto de perguntas. Foi o homem talhado para fazer malograr-se a referida insurreição negro-muçulmana.

Tudo induz a pensar que uma vasta rêde de conspiração ligava, nas Províncias do Império, os negros muçulmanos, negros que viviam irmanados todos com os mesmos sentimentos religiosos de adeptos do Islamismo, indole guerreira e espirito de insubmissão e intransigência.

Em 1815, com larga antecedência em relação á data prefixada para dar início, negros muçulmanos vieram deliberadamente da Bahia para promover nas Alagoas, ainda por essa época Comarca pernambucana, um levante da comunidade negra e que se articularia com a insurreição baiana deflagrada no ano seguinte. Vieram e infiltraram-se nos pontos de maior concentração de escravos, sobretudo na cabeça da então Comarca, na actual cidade de Marechal Deodoro, antiga Alagoas e no Penedo, ponto de vital importância. Neste, principalmente, havia maior número de negros Haussás, vindos da Bahia, negros que, por longos anos ainda depois, para lá se encaminharam.

Tais rebeliões, inclusive a projetada para Alagoas, visavam a tomada do Poder e a eliminação dos brancos.

12) Officio do Ouvidor Batalha. 4 de agosto de 1815. Arquivo do Instituto Histórico de Alagoas.

Note-se isto. Iniciadas pelos escravos haussús na Bahia, em 1807, prolongaram-se com intervalos maiores ou menores por mais de três decênios, agitando a referida Província, pondo a população em constantes sobressaltos e estendendo seus tentáculos até outros pontos do Império, como foi o caso da Comarca das Alagoas. A última delas — aliás a mais importante e que maior repercussão na realidade logrou obter na história — levada a efeito em 1835, na capital baiana, esteve a pique de triunfar, apesar do número relativamente pequeno dos sediciosos que não excediam de mil e quinhentos (1 500). Nina Rodrigues estuda-a em seus diversos detalhes; e traça-lhe mesmo o histórico, exumando dos autos dos processos crimes, com a intuição magistral que imprimiu sempre aos seus trabalhos, aspectos que não deixam absolutamente dúvidas acerca das causas que a determinaram. Segundo Nina Rodrigues, (13) a insurreição ou rebelião negra de 1835 na Bahia “põe em forte destaque a influência do Islamismo nos negros brasileiros, ao mesmo tempo que descobre os intúitos religiosos de toda esta série de levantes de escravos da Bahia”. Ressalta, em cores bem vivas, o papel da propaganda religiosa e guerreira dos negros muçulmanos, adiantando que por ocasião do último levante (1835) chegara ao “auge de seu desenvolvimento”. Enumera então as células, como as chamariamos hoje, negr-muçulmanas: “Eram outras tantas escolas e igrejas maometanas: a casa dos nagôs libertos Belchior e Gaspar da Silva Cunha, na rua da Oração, onde pregava de mestre o *alufá* ou *marabu* Luiz, *Sanim* na sua nação Tapa, escravo de Pedro Ricardo da Silva; a casa dos nagôs libertos Manoel Calafate e Aprigio, na loja do segundo sobrado à la-deira da Praça; a casa do liberto *haussá*, Elesbão do Carmo, na sua terra Dandarará, no beco de Mata-Porcos; a casa do nagô Pacífico, *Licutan* entre os seus, as lojas da casa de seu senhor, no Cruzeiro de S. Francisco. E afóra es-

13) Nina Rodrigues — Op. cit.

tas, outras de importância menor". Eram estas, as células principais, as sedes das conspirações baianas.

Para Luiz Vianna Filho, (14) "nela é que se caracteriza perfeitamente o móvel religioso dos rebeldes", isto é, na revolta de 1835.

Porém, se depois desse longo período de guerras negras, de insurreições de origem religiosa ou não — uma constante revolucionária na história do Negro no Brasil — arrefecia o ardor dos negros islamizados da Bahia, que passou a viver em relativa calma, irrompia noutra Província uma luta de negros Haussás, o que demonstra que não desanimaram dos seus propósitos. No distrito do Pati do Alferes, no Município de Vassouras, na Província do Rio de Janeiro, cerca de trezentos (300) negros cativos sublevaram-se sob a chefia do preto Manoel Congo. Após uma série de tropelias e depredações, acossados pelas tropas legais, e temerosos das represálias, internaram-se nas matas de Santa Catarina, onde se aquilombaram e de onde foram desalojados, depois duma verdadeira caçada humana, pelas tropas do governo que perpetraram inacreditável matança. Manoel Congo, o valente chefe negro, expiou o seu *crime* na fôrca e os demais principais cabecilhas foram castigados com seiscentos e cinquenta (650) açoites e o uso de gargalheira com haste pelo prazo de três anos. Causou espécie a clemência das autoridades para a rainha Maria Crioula, cuja beleza impressionava e que obteve absolvição.

Através das peças do processo chegou-se à descoberta da existência duma organização de escravos, e que se dividia em círculos de diversas categorias, cada um dos quais com cinco (5) membros. Havia um sistema hierárquico, de modo que cada chefe recebia ordens do de categoria imediatamente superior, até o chefe principal.

Devia ser desse tipo o sistema de conspiração adota-

14) Luiz Vianna Filho — Op. cit.

do, em geral, pelos negros escravos muçulmanos ou pelos já libertos, negros Haussás e Congos, e a que o historiador Gustavo Barroso dá, sem propriedade, o qualificativo de *Maçonaria Negra*.

Aliás, o historiador Gustavo Barroso advoga, há tempos, a mesma tese: participação maçônica indiretamente nessas lutas. No seu livro "História Secreta do Brasil", (15) atribui tudo o que se passou às "forças secretas" (?), à influência "judáica-maçônica", num capítulo também intitulado "A Maçonaria Negra".

Não me parece de aceitação indiscutível ligar os movimentos negros-maometanos da Bahia (ou de outros lugares) àquela influência; é uma tese que só poderia ser mesmo admitida à base de documentação histórica que a comprovasse sem deixar dúvidas. Negros-maometanos insurgiram-se, arregimentados ou não em organizações ou alianças religiosas, às vezes até em minorias religiosas, mas levados pelo sentimento místico forte, por aquela "energia peculiar ao islamismo", de que nos falou Luiz Vianna Filho (16). Porém, o Islamismo, apesar de seguido por muitos, não conseguiu nem monopolizar a fé religiosa da comunidade negra nem criar raízes profundas no seio dela.

O culto maometano continuou, todavia, sem a impulsividade guerreira que incitava à luta armada, os seus adeptos, cujo número se reduzia cada vez mais. Faltou ao Islamismo dos afro-negros no Brasil — tanto no Rio como na Bahia, no Recife ou nas Alagoas — uma forma duradoura, entrando em colapso a medida que os velhos sacerdotes do culto desapareciam.

Infiltravam-se hábilmente os escravos haussás na comunidade negra e agiam, a seu modo, no sectarismo religioso e guerreiro. Na articulação do movimento se-

15) Gustavo Barroso — *História Secreta do Brasil*. 1.^a parte. Brasileira, vol. 76.

16) Luiz Vianna Filho — *Op. cit.*

dicioso ou insurrecional, cujo rompimento fôra marcado para a noite de 25 de dezembro de 1815, na Comarca das Alagoas, agiram os agentes ou cabecilhas com enorme antecedência, pois a 12 de julho o Ouvidor Antônio Batalha recebia a notícia da conspirata, como consta do officio que dirigiu a Sua Alteza Real, relatando os fatos e as medidas que imediatamente pôs em prática. Era mais eficiente o serviço secreto de Sua Alteza que o dos negros.

Havia, é inegável, uma aliança negra, cujos membros agiam planificadamente, articulando-se aqui, ali e acoiá, e parecendo ser a Bahia o centro de irradiação. Suspeitou-se então que a projetada insurreição de fins de 1815, na Comarca das Alagoas, teria ligações com o levante baiano de 1816. Seriam dois focos de agitação que irromperiam quase simultaneamente. Não foi a vila das Alagoas, cabeça da Comarca, o único ponto do território alagoano onde se fez sentir manifestamente a ação dos emissários dos revoltosos negros da Bahia, porque de lá procederam, em verdade, os que aqui articularam o movimento sedicioso para o natal de 1815, época propícia quando a comemoração tradicional do Natal, como sempre, prenderia a atenção dos homens e das famílias, do povo, enfim, entregues aos festejos e aos atos de fé religiosa; até mesmo os outros negros (escravos ou não) que não seguiam o Islamismo. O momento seria o mais propício ao ataque, ao extermínio dos homens como projetavam.

Negros da vila do Penedo participaram também da trama revolucionária, alarmando a população, inclusive o Senado da "mui nobre e leal vila", cuja população negra contava em seu seio negros escravos islamizados do Sudão, especialmente negros Haussás e Mandingas.

Escravos que conservaram, pelos tempos afóra, seus hábitos e costumes, sua religião e práticas negro-muçulmanas, até mesmo observando o ritual Malê no enterramento dos seus mortos, e cujas sobrevivências místico-religiosas chegaram, muitas delas, como a Festa dos Mortos, até os fins da escravidão.

B) OS MALÉS DO PENEDO (ALAGOAS)—PRÁTICAS MAOMETANAS — CULTO ORGANIZADO

A velha cidade do Penedo (Alagoas) reuniu no passado um dos mais populosos centros de negros, na região alagoana. Mas, não foi o número de negros africanos senão a condição de alguns deles serem maometanos que lhe deu fama. Não eram os negros muçulmanos do Penedo numerosos; porém ortodoxos. Impressionavam não pelo número, mas pelo credo religioso. Seguiam o Islão nas suas práticas religiosas. Até quase ao findar o período do cativeiro ainda mantinham certas dessas práticas; ainda realizavam a sua Festa dos Mortos e ainda seguiam muita coisa do ritual dos do seu grupo. Pelo que se pôde reconstituir, os negros-muçulmanos do Penedo muito se aproximavam, em tudo, dos da Bahia. E da Bahia vieram alguns deles para, por contingências diversas, fixar-se naquela região e lá se organizarem espiritualmente, segregados dos outros grupos africanos. Dentre os muçulmanos dali, o mais respeitado e conhecido foi o negro Manoel, nagô liberto, entre os seus chamado *Abu*, antigo escravo da família Bittencourt.

Há, no Penedo, tradição da existência de culto organizado de origem Malê. Culto, cujos indícios mais se robusteceram senão confirmaram com a descoberta, ultimamente feita, de uma fotografia tirada em 24 de agosto de 1887 pelo dr. Carvalho Sobrinho e que me foi, gentilmente, oferecida pelo meu colega Dr. Hermilo Freitas Melro, médico e político de renome, chefe de tradicional família penedense (*) No verso da fotografia está apenas escrito o nome de seu autor e a data, além dos dizeres seguintes: "Candomblé — Brinquedo dos africanos em Penedo".

Evidentemente, não se tratava de um "brinquedo", como parecera ao autor da fotografia; em absoluto. Nem

(*) Veio o ilustre patricio a falecer em 1957, na referida cidade alagoana.

de "candomblé" no sentido comum, mas de uma das reuniões comemorativas dos Mortos, dos Malês.

Do território alagoano, Penedo foi, ao que se sabe, o único ponto onde houve culto negro-maometano perfeitamente organizado. Contribuíram certamente para a presença de negros islamizados, em maior escala no território alagoano, especialmente nas vilas das Alagoas e do Penedo, a venda e a fuga de escravos negros por ocasião das revoltas religiosas baianas, revoltas que se explicam pela obstinação religiosa dos negros islamizados. Os dados colhidos *in loco*, inclusive a fotografia citada, datando de 1887, coincidem perfeitamente com as descrições de hábitos e costumes afro-negros observados na Bahia, registrados por Nina Rodrigues e Manoel Querino, a respeito dos Malês, em seus trabalhos clássicos.

A fotografia a que aludo (foto 1) mostra um grupo de vinte africanos (20), cinco (5) homens e quinze (15) mulheres. Estas, com exceção apenas de uma, que pelos traços fisionômicos não parece africana pura, usam as rodilhas ou turbantes muçulmanos, panos da Costa (espécie de chale), camisas com cabeção de renda e amplamente decotadas mostrando os ombros nus, saias compridas rodadas, colares no pescoço (longos colares) e chinelinhas (numa delas se vê).

Os homens trajam-se à maneira típica dos sudaneses islamizados: quatro deles, a túnica (abadá ou camisu) e o gôrro (filá); uma das túnicas é listrada (listras verticais) e as três restantes, brancas. As mangas das túnicas (camisu) chegam até os punhos.

Êsses homens eram os sacerdotes do culto (alufás).

Das mãos de um desses sacerdotes ou alufás, pende, retirado da cintura, o longo rosário (tecebá ou tessubá) com noventa e nove contas grossas, pretas, de madeira, rematado por uma bolota de franjas, *sem cruz* (rosário dos Malês).

O abadá listrado distingue o alufá ou sacerdote-chefe, também chamado lemane ou lemano.

Conservam êles as barbas à "*cavaignac*", que segundo Manuel Querino (17) é "um símbolo característico de sua crença". O último dêles usa camisa comprida e calças brancas e gôrro (filá) da mesma côr.

O lémane traz, em vez de gôrro ou filá, um tórso cu torcida de côr branca circumdando a cabeça e deixando à mostra os cabelos. Não usavam os negros essa para-mentação, essas insígnias religiosas, para deleite senão por espírito religioso, como sacerdotes do culto.

Compare-se nos seus detalhes, a indumentária dos negros muçulmanos do Penedo (Alagoas) que formam o grupo colhido pelo Dr. Carvalho Sobrinho em 24 de agosto de 1887 com outras descrições conhecidas. A fotografia em apreço demonstra a *identidade* perfeita, completa. Sugere, fora disso, que êles eram *conhecedores perfeitos* do culto. Também, tratando-se de pessoas (notadamente os homens) de idade avançada, deviam praticar o culto nas suas formas ainda menos impuras. Praticavam-no já sem nenhum intuito subversivo, é claro; praticavam-no por puro sentimento místico, por religiosidade, por seguirem a religião dos seus maiores.

Todos êsses detalhes são da maior importância na re-constituição dos tipos religiosos e na identificação da natureza do culto.

Essa fotografia, verdadeiro achado histórico, conservada por tanto tempo inédita, e única talvez colhida nessa época, afasta qualquer suspeita sôbre a não-existência de culto negro-maometano nas Alagoas, no passado. Ficou mesmo se não existisse uma prova concreta desse jaez, como soe ser a fotografia em apreço, a tradição de que certos negros escravos do Penedo (e libertos também) seguiam, nas suas práticas religiosas, um ritual de tôdo diferente dos outros, especialmente no que se referia ao feitiço, ao jejum e ao culto dos mortos. Era voz corrente, segundo a tradição oral, que os Malês se destacavam dos

17) Manoel Querino — *Costumes Africanos no Brasil*. Civ. Brasileira.

outros negros da comunidade penedense por uma espécie de segregação social e religiosa ou de vida pautada por hábitos de absoluta austeridade, sendo por isso respeitados geralmente. E estimados também, porque sôbremodo atenciosos e cortezes, embora reservados. Não adoravam imagens nem iam à igreja católica.

Núcleos de negros muçulmis (pequenos embora), como eram localmente designados, assentavam na Rocheira e no Barro-Vermelho. Mas, espalhavam-se também no chamado Termo da Vila. No "Mapa da População do Termo da Vila do Penedo, com declaração de suas idades, qualidades, estados e seus sexos do ano de 1828", remetido ao Presidente da Província das Alagoas, Manoel Antônio Galvão, pelo Capitão-Mór do Penedo, Manoel Hipólito de Souza Vieira, havia 4 468 pretos (livres 2 043 e escravos 2 425 e no Termo da Vila 2 425 escravos negros contra 2 043 libertos, como mostrei num trabalho já divulgado na imprensa alagoana (18).

Desses negros que integravam a população do Termo da Vila referida em 1828, fôram identificados os Haus-sá, os Fula e os Mandinga.

Nos engenhos da região do Baixo São Francisco — eram dez (10) os engenhos de açúcar, computados nesse número oito engenhocas, pois engenhos prôpriamente ditos só havia dois: o "*Saco do Morro*", de propriedade do Sargento-Mór Manoel Gomes Ribeiro e o do "*Saco*", cujo proprietário era o Cap. João Antônio de Seixas. moentes, com bois e escravos, êste último com trinta (30) e dentre todos o de maior escravaria — deviam espalhar-se, também, negros dessa origem.

Um dos meus principais informantes, pessoa de idade avançada, ex-proprietário e comerciante, no Penedo, (*)

18) Abelardo Duarte — Notas sôbre a população do termo da vila do Penedo (1828) — Sup. do "Jornal de Alagoas". 26.7.953.

(*) Senhor Francisco de Góes, casado com a Sra. Blandina Malta de Góes, falecido em Maceió, há poucos anos.

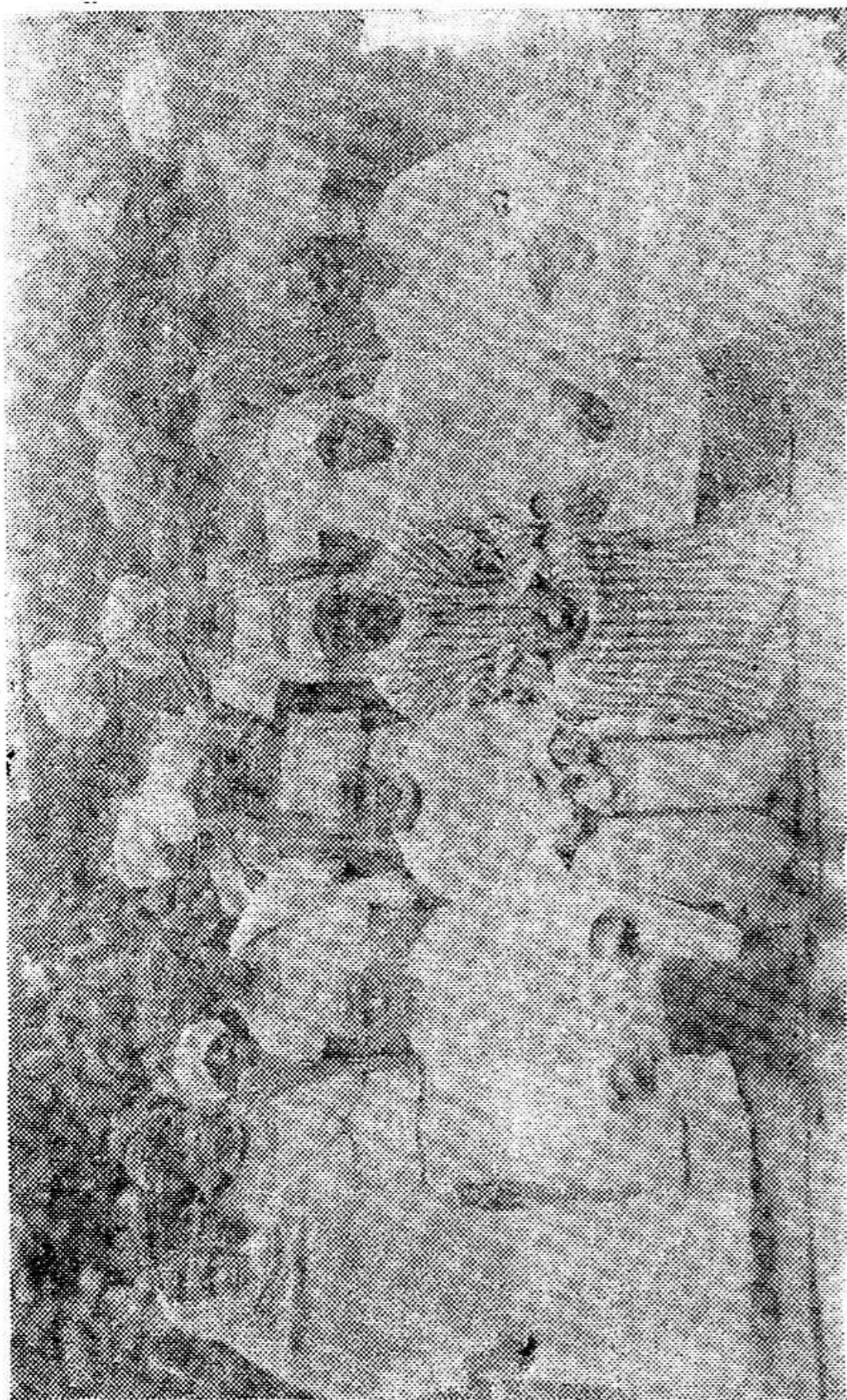
lembra-se de que ouvira falar em *candomblé* (note-se a influência *baiana* desta denominação, pois, em Maceió, as casas-de-culto afro-negro e afro-brasileiro recebem a denominação de *zangôs*) no Penedo só frequentados por negros africanos legítimos, puros ou descendentes diretos destes. Segundo se dizia, êstes mesmos negros se reuniam, em caráter privado, tôdas as sextas-feiras para celebrações religiosas. Disse-me também que não tinha certeza, pois nunca os vira paramentados, mas corria que ditos negros vestiam alvas ou túnicas e usavam turbante na ocasião das reuniões. Tinha, porém, como certo que, dentre ditos negros, alguns eram pessoas de certo modo alfabetizadas, sabendo lêr e escrever e que não frequentavam festas de igrejas, não acompanhavam procissão e nem adoravam imagens.

A expressão *candomblé* foi também usada (escrita no verso da fotografia) pelo Dr. Carvalho Sobrinho, mostrando isso que era corrente tal designação naquela cidade, e por ignorância da significação e distinção dos cultos eram êstes confundidos e misturados (Malês e dos outros negros e crioulos) naquela expressão.

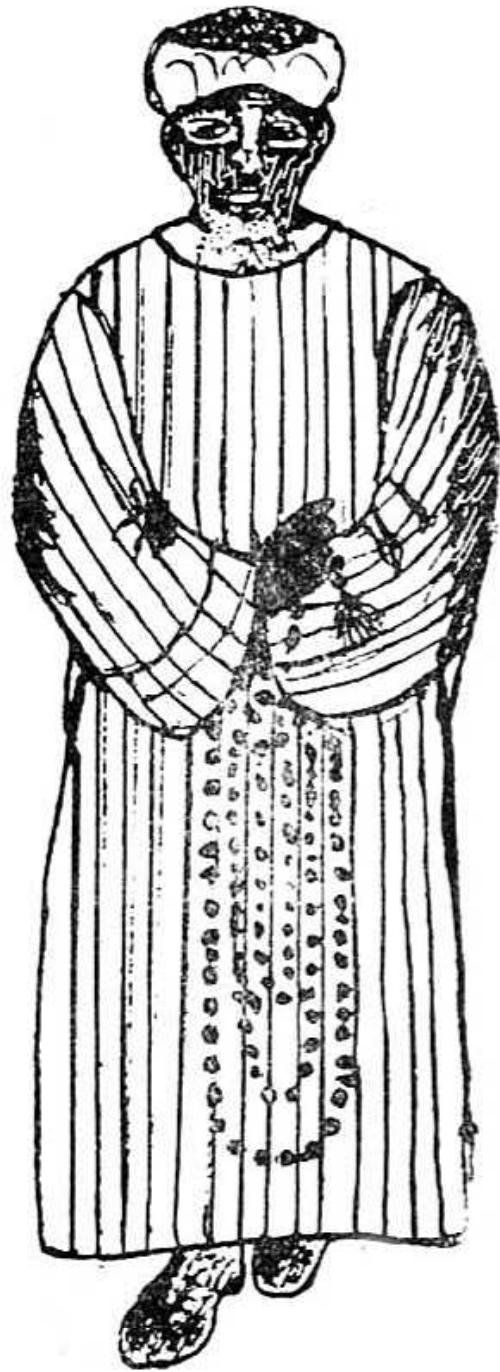
Disse-me ainda que êles realizavam, uma ou duas vezes por ano, a célebre Festa dos Mortos, nos arredores da cidade; e que depois não ouviu falar mais em tais cerimônias, parecendo-lhe que foram abandonadas as referidas práticas. Sabia, porque era corrente no Penedo, que os negros-muçulmanos locais sacrificavam, por ocasião da Festa dos Mortos, um ou mais cordeirinhos brancos, de cujo sangue tinham o cuidado de não manchar as mãos.

É sobremodo interessante assinalar que, com Bahia e Rio, figura a Província das Alagoas entre as que tiveram comunidades religiosas negro-muçulmanas, isto é, culto organizado. No Nordeste brasileiro parece ter sido exemplo único, representado nos negros islamizados do Penedo, onde existiu séde (templo) no qual se reuniam.

A indumentária dos penitentes fotografados em 1887, no Penedo, pelo Dr. Carvalho Sobrinho após uma des-



1 — Negros muçulmanos (malês) do Penedo, Alagoas. Fotografia tirada em 24 de agosto de 1887, na cidade do Penedo, pelo Dr. Carvalho Sobrinho, e cujo original foi oferecido ao Autor pelo Dr. Hermilo Freitas Melro, médico e ex-interventor federal no Estado de Alagoas.



2 — Sacerdote supremo malê (lemanê ou lemano) A túnica listrada (camisu) distingue o grão-sacerdote dos demais, cujas túnicas ou alvas são completamente brancas

sas comemorações religiosas, coincide perfeitamente com a descrição de Mello Moraes Filho na Festa dos Mortos: "Vestidos tôdos de uma espécie de alva, e tendo à cabeça bonés brancos, unicamente o chefe distinguia-se dos demais pela VESTIMENTA LISTRADA, POR UM BARRETE DE MOLDE DIFERENTE". No Penedo, o sacerdote-chefe do culto Malê recebia o nome de Alufá.

Faz-se necessário, porém, salientar, em tempo, para evitar confusão, que o culto ou mais pròpriamente a "seita" malê, de cuja existência se fala, em notícias dos jornais maceioenses dos princípios dêste século, é tão somente uma sobrevivência negro-islâmica e não um culto *igual* ao que os negros islamizados do Penedo seguiam. Em outros termos: não é o culto malê ou culto negro-muçulmano. Não houve em Maceió culto muçulmano organizado, como se praticava naquela cidade alagoana — Penedo —, que recebeu maior influência negra da Bahia do que do Recife. Em Pernambuco, pesquisando marcas muçulmanas nas casas de culto afro-brasileiro, Waldemar Valente afirma que nunca teve notícia de lemanos ou xerifes. E do mesmo modo diz que desconhece que "em tempos passados, tivessem curso entre nós (Pernambuco) certas práticas do negro-islamismo", práticas que os negros islamizados do Penedo seguiam religiosamente. O *assumy* ou jejum anual, por exemplo, que coincidia com a Festa do Espírito Santo celebrada pela Igreja Católica, durando uma lunação inteira ou período lunar, era observado em todos os seus detalhes, entre os negros islamizados no Penedo.

Essa distinção entre as práticas negro-maometanas do Penedo e as leves sobrevivências — apenas sobrevivências — da cidade de Maceió (nos princípios dêste século) impõe-se ficar patente. Distinção nítida, sob todos os aspectos (ritual, sacerdotes, culto, práticas, costumes, etc.).

Não tendo feito "prosélitos entre os negros crioulos e os mestiços" (Nina Rodrigues), no Brasil inteiro, esta-

va fadado o Islamismo na cidade do Penedo a ter a mesma sorte dêsse culto na Bahia, isto é, a desaparecer. E tanto assim foi que após 1888, se extinguiu. Praticado por um número cada vez mais reduzido de adeptos embora, *manteve-se* até aquela data, quando a Abolição lhes permitiu a longa viagem de volta à África. Dispersados pelo seu destino, os negros maometanos do Penedo mantiveram-se porém, fiéis ao culto do Profeta. Alá era o seu Deus e Maomé o seu Profeta, como na sua lei.

Somente depois da Abolição, pois, e com o desaparecimento gradativo (por morte e partida para África) dos elementos puros de procedência do Sudão e a miscigenação, se foi aos poucos extinguindo e apagando, nalma dos descendentes dos últimos e velhos guerreiros e penitentes Malês, os últimos lampejos da religião-máter. Mas, é preciso que se diga e repita sempre quanto custou ao Sudanês manter intacta a sua convicção religiosa, resistindo sob diversas formas à conversão ao catolicismo, mesmo "a chicote nas fazendas e plantações", como disse Nina Rodrigues, ao contrário dos Bantus, cujo comportamento religioso bem se pode explicar, no seu novo *habitat*, pela pobreza de seu panteão, e que dócilmente assimilou os seus poucos deuses com santos do Catolicismo, nesse fenómeno aculturativo que os estudiosos da etnografia religiosa negra no Brasil já fundamente elucidaram.

C) A PROJETADA INSURREIÇÃO NEGRA (MALÊ) DE 1815 NAS ALAGOAS

Não se pode pôr em dúvida que houve negros muçulmanos nas Alagoas, negros *muçulmi*, como eram igualmente conhecidos.

Dois fatos concretos, a que junto agora a minha contribuição iconográfica e a colheita de novos dados, provam-no sobejamente: a projetada Insurreição Negra de 1815 e a Festa dos Mortos, esta celebrada duas vezes por ano até 1888, na cidade do Penedo.

Daquêle malogrado movimento insurrecional projetado para 1815, apesar do silêncio que sôbre êle reina nas páginas da nossa história, ficou documentação bastante e esclarecedora (19) No prefácio do livro de Luiz Vianna Filho — “O Negro na Bahia”, Gilberto Freyre (20) mostrando que o “poder da *consciência de espécie* — espécie cultural — “dos negros urbanos da Bahia e no caso os Malês não se circumscreveu ao Recôncavo nem mesmo à Bahia, porém chegou a outras capitâneas, alude às Alagoas e escreve: “Não faz muito tempo que relendo MSS de correspondência dos capitães-generais de Pernambuco com a Côrte, deparei, no volume relativo aos anos de 1815-1817, com a notícia de um movimento revolucionário de escravos que deveria ter rebentado na Comarca de Alagoas nas proximidades do Natal do ano de 1815. Foi, porém, surpreendido a tempo pelas autoridades. De um dos officios sôbre o assunto, do capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, consta a origem baiana da projetada insurreição.” “Alguns escravos fugidos da Bahia espalharam a primeira semente da sedição”.

De importantes documentos coevos existentes no Arquivo do Instituto Histórico de Alagoas, por mim compulsados e copiados, consta que os escravos negros fariam irromper, na noite de 25 de dezembro de 1815, no território alagoano, isto é, na Comarca das Alagoas, um movimento insurrecional, instigados pelos Haussás evadidos da Bahia. A sedição ficou em projeto, mas merece ser analisada nas suas causas e no seu malôgro. Mesmo porque pouco se sabe a respeito do assunto, senão em ligeiras referências ou passagens.

As reações contra-aculturativas do Negro no Brasil assumiram importância considerável, muito maior do que

19) Officios do Ouvidor Batalha e do Governador e Cap. Gen. de Pernambuco.

20) Gilberto Freyre — Prefácio de “O Negro na Bahia” — L. V. F.

julgaram alguns dos nossos historiadores e sociólogos. O Quilombo dos Palmares figurou, na história das revoltas dos negros contra o regime de submissão, em primeiro plano, pela sua larga repercussão no tempo e no espaço. Mais porisso. Havendo desafiado o poderio bélico e a estratégia dos brancos e resistido, por mais de meia centúria, incorporou-se fàcilmente à História, como uma página forte e heróica de rebeldia negra. Impressionou mais pelo seu aspecto de obstinada resistênciã e pela longa duração. Na realidade, era o quilombo a reacção mais simples como com verdadeiro equilíbrio crítico notou Édison Carneiro. A fuga para o mato ocorreu em todos os tempos. Foi o modo mais fàcil depois do suicídio — outra maneira de reacção contra-aculturativa — que o negro encontrou para exprimir a sua revolta contra a escravizaçã e os métodos adotados cruelmente para obter maior rendimento do seu trabalho. Nas Alagoas, como em outros pontos onde se condensou ou se espraiou o Negro, nos trabalhos agrícolas, nos engenhos e fazendas, e nas outras atividades a que dedicou seu esforço, ocorreu o aquilombamento. Houve mocambos de negro fugido. Houve essa forma mais simples de reacção contra-aculturativa, fenômeno hoje plenamente elucidado pelos estudos de antropologia cultural.

As revoltas, as insurreições tinham, porém, outro aspecto, embora fossem igualmente, manifestações contra-aculturativas: eram reacções ativas hostis, diretas, visando a inversão dos papéis e dos valores sociais e econômi- cos; a dominação em vez da submissão. Representavam o estadio mais agudo do choque cultural, do desequilíbrio entre duas culturas diferentes na forma e no fundo. Justíssimo é dizer que o Negro não foi, em absoluto, o elemento conformado, passivo, resignado, que alguns têm procurado descrever e impingir. Conforme a área de predominância de determinados povos negros importados, vamos encontrar tipos diferentes de reacção, tipos de resistênciã pròpriamente dita, reacções contra-aculturati-

vas, na sua legítima significação científica ou antropológica.

Os Sudaneses eram, por exemplo, por índole, reaccionários, inconformados, insubmissos. A área afro-baianá, que concentrou o maior número de escravos sudaneses, demonstrou à saciedade êsse espírito de reacção, de luta, contra a escravidão, através da história das várias revoltas negras (revoltas baianas) que se verificaram e das quais Nina Rodrigues, principalmente, tratou e cujas causas também investigou e procurou explicar. Não fôram somente os escravos negros e os negros libertos, todos integrados na comunhão social da antiga metrópole brasileira, que se sublevaram. Também os do Recôncavo, trabalhando nas senzalas nas fazendas, nas plantações, escravos rurais, participaram de lutas e revoltas. E ainda os de outras capitanias e províncias.

Os *Haussás*, cuja tradição de heroísmo ficou assinalada nessas lutas, eram sudaneses que desde remota data se islamizaram e outros que não o sendo originalmente, aqui se converteram ao islamismo.

Estão neste caso os Nagôs.

Tem sido muito discutido o carácter propriamente religioso desses levantes negros. Tem sido posta em dúvida a origem mesma religiosa das insurreições dos negros da Bahia e de outros pontos do Brasil.

Luiz Vianna Filho acha que "não existem elementos precisos para se inferir com segurança sôbre os fundamentos religiosos das rebeliões promovidas pelos escravos, sobretudo pelos sudaneses", exceto a Revolução dos Malês, como ficou conhecida a "*jihad*" de 1835, o grande movimento sedicioso negro, sôbre o qual Nina Rodrigues deixou uma página incisiva, lúcida e esclarecedora, e foi, em verdade, o maior surto insurrecional que ocorreu promovido pelos escravos negros e negros libertos.

Parece, todavia, que a despeito de provas inconcussas em contrário, houve nelas um fundamento religioso-místico. Quanto à última dessas revoltas, a de 1835, ficou

mesmo provado que o *substratum* revolucionário foi o islamismo. Não há, pois, dúvidas a respeito disso. E por que não teriam tido também o mesmo fundo religioso maometano as anteriores, quase todas promovidas pelos negros Haussás? Nina Rodrigues (21) e Arthur Ramos (22) embora reconhecendo que “os móveis econômicos necessariamente existissem” (Arthur Ramos), colocam em *primeiro plano* o carácter religioso dessas revoltas. Este último chegou a vincular as lutas negras da Bahia à “longa série de guerras religiosas e de conquista, levadas a efeito desde longo tempo pelos negros islamizados do Sudão”, tese contraditada por Luiz Vianna Filho (23) que procurou defender o “carácter regional dos movimentos baianos”, sem deixar de reconhecer, porém, que eles se acham “remotamente filiados às lutas africanas”.

Os negros dessa nação habitavam o Sudão Central. Senhores de cultura material e moral, dotados de espírito de organização política, indiscutivelmente adiantada, falavam geralmente a língua Haussá, na qual comerciavam e produziam obras religiosas e literárias. Para Gilberto Freyre, “teriam sido uns como aristocratas das senzalas”. Ovidio da Cunha chama-os de “judeus africanos. Ou, no dizer de Nina Rodrigues, “não eram negros boçais os Haussás”.

A presença de Haussás no movimento que surgiria em 1815, nas Alagoas, ficou documentada; mais do que isso verificou-se que eram negros Haussás os cabeças do levante projetado, vindos da Bahia; que houve ligação ideológica entre as comunidades negras da Bahia e das Alagoas.

O Ouvidor da Comarca das Alagoas, Antônio Batalha, disse, em ofício datado de 4 de agosto de 1815, que “no dia 12 de julho próximo passado, se me participara, que nesta Comarca, os escravos negros seduzidos por al-

21) Nina Rodrigues — Op. cit.

22) Arthur Ramos — Op. cit.

23) Luiz Vianna Filho — Op. cit.

guns que se escaparam da sedição da Cidade da Bahia, se pretendiam sublevar na noite do dia de Natal próximo futuro". E noutra ofício do mesmo ano, adiantou que no referido levante "principalmente entravam escravos da nação ussá (Haussá), sendo o resto da escravatura simplesmente sabedora". Não resta, pois, dúvida sobre a participação dos Haussás nesse esboçado levante. Apenas se equivocava o Ouvidor no juízo de os emissários dos negros da Bahia serem apenas fugitivos, quando em verdade eles agiam de comum acôrdo com os seus companheiros da área baiana e o faziam seguindo um plano perfeitamente traçado, que alguma delação tornou conhecido das autoridades.

A insurreição negra mais próxima na Bahia ocorrera em 1813 e a seguinte em 1816. É possível que êsses escravos negros tivessem vindo articular-se apenas para a futura revolta que explodiu na capital baiana nesse ano, e não para fixar-se de vez, tanto que a data da insurreição nas Alagoas fôra fixada, com seis meses de antecedência, para o dia 25 de dezembro. A presença deles, sem motivo plausível, despertaria atenção e foi justamente o que ocorreu, chegando a notícia aos ouvidos do Ouvidor Batalha.

De posse da inquietadora notícia, em virtude da qual "chegou a haver grande alarme entre brancos e brancarrões alagoanos", segundo Gilberto Freyre, donos da terra e de negros", o diligente e pressuroso Ouvidor Batalha agiu prontamente, comunicando-se com o Governador e Capitão-General de Pernambuco Caetano Pinto de Miranda Montenegro, a quem solicitou providências imediatas (e eficazes, diga-se) e com todas as autoridades civís e militares da Comarca", para promoverem, pelos meios possíveis, sobre a Segurança pública". Não satisfeito com as providências solicitadas, o Ouvidor quis ainda o auxílio dos indígenas, dirigindo-se por ofício aos Diretores dos Índios "para terem armados e prontos à primeira voz". Seria um auxílio mais rápido, pois tencionava su-

focar a idéia do levante antes que pudesse reunir maior número de prosélitos. Tem-se a impressão, pelo número dos escravos negros detidos, que o Ouvidor exagerou as coisas e fez tremendo aparato bélico para crescer na confiança de Sua Alteza Real. A articulação revolucionária estava ainda nos seus primeiros contatos.

Mobilizou duzentos (200) indígenas que seguiram para a Vila das Alagoas e fizeram junção com as Ordenanças e Milícias, afim de prenderem "os negros indicados cabeças da sedição premeditada e a intimidar e a fazer conter o resto da escravatura". Esse movimento de tropa tinha ainda o sentido, como confessou, de intimidação, mas com isso provocou arrepios de medo no seio do povo. E também entre grandes senhores de escravos, fazendeiros e senhores de engenho, tementes de represálias.

A 15 do dito mês, já se encontrava na Vila das Alagoas o Marechal-Inspetor dos Corpos Milicianos com um destacamento de tropa de linha. A Vila transformou-se, de uma hora para outra, numa praça de guerra. Sutilmente agira o Ouvidor Batalha e, então, dirigiu em pessoa a caça aos escravos suspeitos e aos indigitados participantes do premeditado levante. Em tôdas as direções seguiram forças volantes sob enorme aparato bélico, iniciando-se as buscas e com elas entrando em ação a violência e espalhando-se o terror nas senzalas.

Começaram desde logo as prisões, a torto e a direito, e lavraram-se "os autos de achada de ferros ofensivos, e de perguntas de onde suficientemente constara a intimação criminosa". Arrancaram-se as confissões. Os detidos fôram em número de vinte e seis (26), entre os quais "onze dos que se se propunham os mais temíveis". Sempre minucioso nos detalhes de suas diligências, fez ainda ver o Ouvidor Batalha à Sua Alteza Real que não podendo prevêr "as consequências das prisões que fizera e das que teria de fazer", removeu alguns prêsos para Pernambuco e para a cadêia da Vila de Atalaia, conservando ou-

tros poucos na cadeia da Vila das Alagoas que, além de pequena, não oferecia segurança. Mandou ainda afixar editais concitando os senhores de escravos e habitantes da Comarca a lhe comunicarem "os rumores ou movimentos de seus escravos", receioso de que as prisões efetuadas excitassem o ânimo dos escravos negros e dos libertos e precipitassem os acontecimentos. Deixou a Vila das Alagoas somente depois de haver estabelecido um sistema de policiamento completo, capaz de assegurar a tranquilidade e perfeita fiscalização dos negros evadidos da revolta da Bahia.

A notícia da projetada revolta chegou como não podia deixar de ser, também aos ouvidos do Senado da Vila do Penedo que reclamou imediatas providências ao Governador e Capitão-General de Pernambuco Caetano Pinto de M. Montenegro. Este, em ofício de 28 de agosto, comunicou-lhe que haviam sido tomadas as providências cabíveis, acalmando os ânimos dos seus componentes. Mesmo assim, a Vila do Penedo manteve-se vigilante, mas temerosa, determinando-se medidas que assegurassem também a tranquilidade, em face da sua numerosa população negra, entre a qual havia negros muçulmanos.

O Ouvidor Batalha ficou temeroso também da suscetibilidade dos indígenas "perigosamente inquietos por se lhes ter, na ocasião, das prisões sobreditas inspirado na Vila das Alagoas, se lhes tirarão suas terras, e se degradarão de seus privilégios por se haver criado o posto de Capitão Mór para a sobredita Vila das Alagoas, digo, Atalaia", conforme escreveu ao Governador e Capitão General de Pernambuco.

Tratou logo de seguir, quando se tornou oportuno, para a vila de Atalaia, também da Comarca das Alagoas, afim de evitar maiores agravos à suscetibilidade dos índios, para sossegá-los, enfim.

Indiscutivelmente, coube-lhe o êxito completo da desarticulação dos negros muçulmanos e o abortamento da insurreição que se deflagraria a 25 de dezembro de 1815.

no território da Comarca das Alagoas e que, tudo leva a crer, faria junção com a revolta baiana do ano de 1816, pois, como era costume, viviam sempre identificados e articulados. A ligação entre os Malês das Alagoas e os da Bahia, donde procederam os emissários, torna-se claro.

O Ouvidor Batalha venceu a cartada. Aprisionara os emissários dos sediciosos da Bahia e conseguira-lhes, a custo — quem sabe? — de ferro em brasa e do anginho e de outros processos de tortura, a confissão dos seus propósitos revolucionários.

Abafara na própria gorja a ânsia incontida de revolta dos escravos negros. Volvia-se mais uma página da história da insubmissão negra no país, página esta pouco conhecida infelizmente.

D) A FESTA DOS MORTOS, NO PENEDO, ÚLTIMA SOBREVIVÊNCIA DO CULTO

Quanto à Festa dos Mortos, no Penedo, descreveu-a Mello Morais Filho (24) em sua obra "Festas e Tradições Populares do Brasil". E de tal maneira e com tamanha clareza e abundância de pormenores, que o estudioso dos assuntos afro-negros ou com êles familiarizado facilmente reconhecerá nela a origem negro-maometana. Foi o caso de Nina Rodrigues. O chefe da Escola baiana não hesitou em julgá-la uma cerimônia funerária Malê. E escreveu com tôdas as letras: "*é com certeza uma festa muçulmana*". (25) Ninguém com maior autoridade e maior discernimento para assim expressar-se do que êle o foi. E era, em verdade, uma festa (uma comemoração) negro-muçulmana.

A identificação da Festa dos Mortos (Penedo, Alagoas), descrita por Mello Morais Filho com o ritual da religião dos negros Malês ou Mulçumis, como tal conhe-

24) Melo Morais Filho — Festas e Tradições Populares do Brasil. Rio.

25) Nina Rodrigues — Op. cit.

cidos na Bahia e nas Alagoas, não deixa, em verdade, incerteza sobre essa perspicaz asserção de Nina Rodrigues. E os elementos identificadores fôram largamente enumerados por êste, principalmente "a prática de rezas e longos jejuns, a abstinência de bebidas alcoólicas, as relações das festas com as fases lunares, o sacrifício de carneiros, a vestimenta de longas túnicas alvas", elementos indiscutíveis, provas seguras da existência de culto maometano.

A Festa dos Mortos, no Penedo, encerrava e revestia-se de todo êsse complexo ritual dos Malês, povos islamizados do Sudão e introduzidos no Brasil com o tráfico de escravos. Dividia-se em três partes: 1.ª) o jejum e as rezas; 2.ª) os sacrifícios; 3.ª) os banquetes e as danças.

Trajavam nessas ocasiões os penitentes, segundo Mello Moraes Filho, "uma espécie de alva e tendo à cabeça bonets brancos". Essa espécie de alva ou túnica branca era o "*abadá*" ou "*camisu*" dos Malês, como o gôrro, o bonet branco, era o "*filá*" dos mesmos negros muçulmanos, exatamente como mostra a fotografia colhida em Penedo em 1887 e batida pelo Dr. Carvalho Sobrinho. A indumentária era, assim, tipicamente Malê; era a usada pelos negros maometanos ou muçulmanos em sua terra.

O sacrifício dos animais (carneiros, ovelhas) "à meia noite, quando as estrêlas choram e a lua, como uma fada perdida, mira o rôsto pálido nos rios e nas fontes", na própria descrição literária de Mello Moraes Filho, a "iniciação propiciatória", o ritual característico e inconfundível seguido pelos sacrificadores, de molde "a não manchar as mãos no sangue das vítimas oferecidas em holocausto", atos êsses passados longe dos olhares profanos, às escondidas, nas caladas da noite, porquanto somente a última parte das comemorações era ou podia ser revelada aos estranhos — tudo, finalmente, mostra e prova, nos seus mistérios e nas suas práticas alienígenas, a procedência muçulmana ou maometana. Entretanto, não é demais que se diga que os Malês praticavam no Brasil uma

forma modificada de Islamismo ou, no dizer de Arthur Ramos, "um islamismo *sui-generis*", religião que teria de sofrer aqui os efeitos da aculturação.

Entrando em contato com pessoas que residiram no Penedo e especialmente antigos moradores locais, alguns de certa ilustração, outros pessoas ilustradas e esclarecidas e, finalmente, com velhos afro-penedenses, colhi que os negros que se entregavam ao estranho culto dos mortos e realizavam a festa característica não eram em número considerável, o que de certo modo coincide com a descrição deixada por Mello Moraes Filho.

Reuniam-se os negros maometanos para a sua comemoração dos mortos em pontos afastados, completamente isolados do resto da população, mesmo dos escravos negros de outra origem ou procedência. Ninguém ousava penetrar ou se aproximar do local da festa, que não era nos lugares comuns de residência, com recêio, nem era permitida de fôrma alguma a entrada de estranhos. O ponto de concentração Malê, nessas ocasiões, assumia aspecto verdadeiramente velado, misterioso. Daí, as mais variadas versões que corriam sempre sôbre o enigma do rito negro praticado no recesso das matas ou dos pontos longínquos do Penedo. Deixavam a Rocheira e o Barro Vermelho nesses dias. A natural curiosidade dos estranhos somente cessava quando os negros muçulmanos iniciavam a terceira e última parte da referida festa, "com a assistência permitida". Era, então, um verdadeiro festim, do qual participavam os penitentes e podiam participar ainda as pessoas estranhas ao culto. O banquete e as danças — as duas formas exteriores do culto ou da comemoração negra dos mortos — deixavam nos requintes de arte culinária afro-negra, na profusão dos acepipes, desde o arroz de Aussá cozido nágua sem sal com mólho típico, até as mais raras iguarias da mesa afro-brasileira, nos batuques, no ritmo característico negro e nos requiebro lascivos das "baiadeiras negras", a forte impressão de uma cerimônia misteriosa e estranha com que se per-

mitiam os negros comunicar-se com os seus mortos e venerá-los através de tão singulares demonstrações religiosas.

Quem então os compreendia, a êsses negros muçulmanos, olhados como feiticeiros e êles mesmos desconfiados dos brancos? Ninguém. Os estranhos que acorriam ao centro das penitências, nos ermos da velha cidade do Penedo, como teria sido o caso do Dr. Carvalho Sobrinho, que os fotografou, não o faziam senão por mera curiosidade, desejosos de desvendarem os mistérios da Festa dos Mortos. A maioria não se interessava por êles.

Não fôsse a descrição dessa festa deixada por Mello Morais Filho, dela não restaria mais do que a simples lembrança conservada por alguns habitantes que a presenciaram ou souberam da existência do celebrado rito funerário, identificado posteriormente por Nina Rodrigues como de origem Malê. A documentação fotográfica que hoje trago, cômprova a presença de negros maometanos na velha cidade do Penedo, onde a tradição mantém aspectos da vida desses negros. Pela pouca importância que inegavelmente se prestava a fatos e coisas referentes ao negro, não possuímos hoje uma maior cópia de dados sôbre êsses costumes e tradições vindos da longinqua Africa. Assim, as origens dos negros não eram para certos fatos levados à conta. Mello Morais Filho não especificou mesmo as origens dos penitentes, dizendo apenas que "eram de uma ou mais nações", sem as mencionar porêm. Não disse que eram Malês os penitentes da Festa dos Mortos. Mas, prestou relevante auxílio intelectual ao tema fixando-a nos seus principais detalhes de molde a ter sido possível a identificação.

Tudo leva a crer que Mello Morais Filho tivesse feito a reconstituição da cerimônia funerária em aprêço dos negros maometanos do Penedo, através de terceiros.

Arthur Ramos no "O Negro Brasileiro" acredita, porém, que Mello Morais Filho a presenciou, pois escreve "Outro rito funerário evidentemente de origem *malê* é o

descrito por Mello Morais Filho, a *festa dos mortos* que até 1888, celebraram duas vezes por ano em Alagoas (Penedo), onde êle a observou. ”

Quando Mello Morais Filho se refere aos costumes negros no Rio de Janeiro, acrescenta porém —, “segundo observação própria”, o que faz supôr ou suspeitar não ocorreu o mesmo com a Festa dos Mortos, porquanto não se pronuncia assim.

Os desenhos que ilustram as “Festas e Tradições Populares do Brasil”, inclusive os do capítulo referente à Festa dos Mortos, do Penedo, são de autoria de Flumen Junos, o desenhista afamado da época, na Côrte, e que nunca andou por Alagoas. Quer parecer-me que os informantes no caso em tela, seriam pessoas perfeitamente a par dos pormenores da estranha cerimônia funerária dos Malês do Penedo; tanto que a descrição da indumentária dos penitentes feita por êle coincide, com absoluta exatidão, com a fotografia batida ali, em 1887, pelo Dr. Carvalho Sobrinho, especialmente quando escreve o trecho seguinte citado linhas atrás: “unicamente, o chefe distinguia-se dos demais pela vestimenta listrada, por um barrete de molde diferente”. Na fotografia colhida pelo Dr. Carvalho Sobrinho, o “chefe” está trajado com a alva listrada e usa um barrete de forma diferente. Quem sabe que Mello Morais Filho não ouvira mesmo de seu velho progenitor, o alagoano Alexandre J. de Mello Morais, falecido no Rio de Janeiro a 6 de novembro de 1882, a narração que viria a constituir, tempos depois, uma das mais interessantes páginas das “Festas e Tradições Populares do Brasil”? Se não a ouviu da boca paterna, poderia tê-la ouvido de outrem, pois a residência do tradicionalista era, na Côrte, uma espécie de Meca de nordestinos nostálgicos que lá acorriam em busca de notícias e viviam a recordar o passado.

Já Arthur Ramos salientara a extrema dificuldade de restabelecerem-se os traços culturais sobreviventes dos Negros sudaneses islamizados, pois estão quase ou total-

mente desaparecidos. Esses negros fôram, entre outros, os Mandinga, os Fula, os Haussá.

Os ritos funerários dos Malês coincidem com as práticas funerárias da Festa dos Mortos do Penedo: são, em verdade, um mesmo ritual. Porém seriam Mandinga, Fula ou Haussá os penitentes dos sítios afastados da cidade do Penedo?

Arthur Ramos (26) inclina-se para a origem Mandinga, pelo que se deduz do que escreveu: "Se compararmos a descrição de Mello Moraes com os ritos funerários do Sudão ocidental, vamos vêr que se trata de um ritual negro-muçulmano, tão disseminado entre os MANDINGA e outros grupos."

Entretanto, dos negros Malês introduzidos no Brasil, parece ter sido o grupo Mandinga pouco numeroso, ao contrário do Haussá, povo igualmente islamizado. Nas Alagoas, o grupo Haussá teve muitos representantes, como oficialmente consta das listas de africanos livres apresentadas ao Presidente da Província pelo Curador Dr. João Camilo de Araujo. Listas que me permitiram tirar conclusões acerca das origens tribais dos negros africanos introduzidos nas Alagoas.

E) SOBREVIVÊNCIAS ISLÂMICAS NAS ALAGOAS

A existência de traços negro-muçulmanos nas Alagoas, afóra os evocados, revela-se ainda nas *sobrevivências* religiosas, mas estas já estão fortemente diluídas com outros cultos.

Arthur Ramos (27) afirmou haver colhido, nas Alagoas, em 1934, um cântico de *Ogun de malê*, transcrito com a música respectiva no seu livro "O Folk-lore Negro do Brasil" e reproduzido em "O Negro Brasileiro". A letra desse cântico era esta:

26) Arthur Ramos — Op. cit.

27) Arthur Ramos — O Negro Brasileiro. Col. Div. Cient.

“OGUN MENINO É DE MALÊ
NU-Ê, NU-Ê!
OGUN MENINO É DE MALÊ
NU-Ê, E RÊ-RÊ-RÊ!”

Isso prova que existiu um culto (seita) “malê” nas Alagoas, persistindo até data relativamente recente; seita que não deve, como mostrei, ser confundida, porém, com o culto organizado dos Malês do Penedo.

Segundo Alfredo Brandão (28) “em Maceió e outras localidades do Estado existiam seitas — a dos *xangôs* e a dos *malês*”.

As referências de Arthur Ramos, como a acima de Alfrêdo Brandão, à seita *malê* prendem-se à uma reportagem de jornal desta cidade. (*)

Tais cultos ou seitas não se apresentavam, todavia, *puros*. Ainda hoje, embora com muita dificuldade, se percebem, no ritual dos terreiros alagoanos, sobrevivências negro-muçulmanas. Aqui ou ali, num cântico ou num “ponto”, há uma referência ao culto Malê, nessa mistura curiosa de vários cultos que se nota nos atuais terreiros (sincretismo religioso), valendo destacar, todavia, certa pureza de outros.

O culto *malê* (seita), praticado há cêrca de cinquenta anos passados, nas Alagoas, segundo informações colhidas de antigos afro-alagoanos, não era *puro*, como ficou dito; não se tratava do Islamismo verdadeiro, senão de sobrevivências. Havia, já, um sincretismo *acentuado*:

28) Alfredo Brandão — Op. cit.

(*) Jornal de Alagoas, Maceió.

Artur Ramos cita em suas obras “O Folk-lore Negro no Brasil”, pag. 27, e “O Negro Brasileiro”, pag. 81, a fonte referida ou seja o “Jornal de Alagoas”, Maceió, 8-2-1912. Alfredo Brandão, entretanto, não faz referência a êsse jornal, mas o que diz parece baseado na referida reportagem. Vide “Os Negros na História de Alagoas”, in *Estudos Afro-Brasileiros*, Ariel Editora Rio, 1934.

mas, adoravam os afro-alagoanos e afro-negros islamizados a ALÁ (ALLAH), principalmente.

Cântico semelhante ao que Édison Carneiro (29) citou em seu livro "Negros Bantus", foi aqui por mim ouvido:

ALLAH ALLAH!
ALLAH DE DEUS!
ALLAH!

Ainda recentemente, num terreiro de Maceió, entoava-se um "ponto" de *Ogun de Nagô* e *Ogun de Malê* (Malê).

Porém, esse Ogun de Malê, encontrado também por Arthur Ramos, persiste curiosamente nas toadas como uma verdadeira sobrevivência afro-muçulmana que o sincretismo não aboliu de vez. Em notas que pretendo desenvolver sobre a influência afro-islâmica nos terreiros alagoanos, deixarei patente que essa dita influência, que em outras épocas dividiu os terreiros em "seitas" que se disputavam a excelência, *existe* ainda, mas atenuada e dissimulada pelo sincretismo religioso. Existem traços em verdade (abstinência de bebidas alcoólicas, peculiaridade dos paramentos, certas expressões usadas, signo de Salomão).

Alfredo Brandão (30) alude à existência de negros *Fula* nas Alagoas, "os quais tinham os cabelos encarapinhados e a côr mais ou menos bronzeada". É outra opinião importante para reforço da tese em apreço.

Houve negros islamizados nas Alagoas, negros muçulmanos, negros Malês, sobrevivendo a influência afro-islâmica até nossos dias.

Arthur Ramos (31) escreveu certo: "Os *malês* vão desaparecendo, no Brasil. O espírito maleável dos negros

29) Édison Carneiro — *Negros Bantus*. Ci. Bras.

30) Alfredo Brandão — *Op. cit.*

31) Arthur Ramos — *O Negro Brasileiro*. B. Div. Cient.

não tolera as práticas rígidas e os severos preceitos do maometismo.”

As deturpações inevitáveis dos primeiros grupos negro-maometanos, embora fossem portadores de uma ortodoxia evidente, somaram-se os novos resultados do sincretismo religioso que mais a mais se acentua nos grupos de culto afro-brasileiro.

Nas Alagoas, o fenômeno sincrético também se observou e as práticas seguidas nos terreiros de Maceió e do Penedo o demonstram sobejamente. Nem mesmo a velha *seita* “malê” existe mais. O que há atualmente são marcas, vestígios do islamismo dos seus antepassados.

OFÍCIO DO OUVIDOR ANTONIO BATALHA DE 4 DE AGOSTO DE 1815

Senhor — Tenho a honra de levar a real presença de V. A. que no dia 12 de Julho, proximo passado, se me participara, que nesta Comarca, os escravos negros seduzidos por alguns que se escaparam da sedição da Cidade da Bahia se pretendiam sublevar na noite do dia de natal proximo futuro.

Avisando immediatamente ao Governador e Capitão Geral de Pernambuco, a quem pedi providencias, e a todas as autoridades civis e militares desta Comarca, para proverem, pelos meios possiveis, sobre a Segurança Publica, o mesmo aos Directores dos Indios para os terem armados e prontos à primeira voz; mandei, no dia 16, a Vila das Alagoas, mais de duzentos Indios a prender, com auxilio das Ordenanças, e Milicias respectivas, os negros indicados cabeças da sedição premeditada e a intimidar, e a fazer conter o resto da escravatura.

Presos felizmente, entre 26, onze dos que se propunham os mais temiveis, procedi na Vila sobredita aos autos de achada de ferros offensivos, e de perguntas, de onde sufficientemente constara a intimação criminosa e como me não era dado prever as consequencias das prisões que fizera, e das que teria de fazer, dobrando-se o perigo, pela insegurança e pequenez da Cadeia da Vila das Alagoas, distancia das outras da Comarca, e necessidade de multiplicar os meios de seggurança dos Negros presos, enviei 7 com os autos sobreditos para Pernambuco, removi alguns para a Cadeia desta Vila d'Atalaia, detive outros na das Alagoas, e fiz soltar os que foram presos no tumulto das prisões e contra quem não havia indicio algum.

Ganhando tempo, para se realizarem as providencias pedidas ao Governador e Cap. General sobredito, e para aumentar os meios de segurança, pondo por Editais, de acordo com os habitantes da Comarca, os senhores de escravos, para viajarem e me participarem, os rumores ou movimentos de seus escravos, receiando que com a atividade das prisões eu os tornasse foragidos, ou fizesse rebentar o mal que eu pretendia evitar, só fui pren-

dendo depois, um ou outro escravo, contra quem, ou já tenho prova, ou só graves indícios de serem Agentes da Sedição premeditada, de que del parte aos Ministros das Comarcas visinhas, por onde ela podia ter espalhado seus ramos. Posta em socego a Vila das Alagoas, aonde me demorei os dias necessários para obtê-lo e para com os autos respectivos fazer a remessa dos presos para Pernambuco, estabelecida em todos os pontos convenientes uma policia ativa, cuidando captelozamente de verificar a existencia, nesta Comarca, dos negros fugidos da Bahia, voltei para esta Vila d'Atalaia, a prover sobre a segurança dos negros aqui presos, para socegar os indios um pouco e perigosamente inquietos por se lhes ter, na ocasião, das prisões sobreditas inspirado na Vila das Alagoas, se lhes tirarão suas terras, e se degradarão de seus privilegios por se haver criado o posto de Capitão Mor para a sobredita Vila das Alagoas, digo Atalaia.

Atalaia, 4 de Agosto de 1815.

O Ouvidor da Comarca das Alagoas
ANTONIO BATALHA"

(Cópia)

BIBLIOGRAFIA

(FONTES CITADAS)

- 1) Nina Rodrigues — Os Africanos no Brasil — Brasilliana, vol. XIX.
- 2) Arthur Ramos — Introdução à Antropologia Brasileira — 1.º vol.
- 3) Alfredo Brandão — Os Negros na História das Alagoas — in "Estudos Afro-Brasileiros". Civ. Brasileira.
- 4) Waldemar Valente — Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro — Brasiliana.
- 5) Waldemar Valente — Influências islâmicas nos grupos de culto afro-brasileiro d^e Pernambuco — "Boletim do Instituto de Pesquisas Sociais Joaquim Nabuco" — Recife.
- 6) Nina Rodrigues — Op. cit.
- 7) Renato Mendonça — Influência africana no português do Brasil — Brasiliana.
- 8) Luis Lavenère — A propósito de "Malê". "Gazeta de Alagoas", 18.12.934.
- 9) Francis de Castelnau — Renseignements sur l'Afrique Centrale, etc. Paris, 1851.
- 10) Gustavo Barroso — A Maçonaria Negra de Vassouras, in "Revista da Semana", Rio.
- 11) Luiz Vianna Filho — O Negro na Bahia — Col. Documentos Bras.
- 12) Offício do Ouvidor Batalha. 4 de agosto de 1815. Arquivo do Instituto Histórico de Alagoas.
- 13) Nina Rodrigues — Op. cit.
- 14) Luiz Vianna Filho — Op. cit.
- 15) Gustavo Barroso — História Secreta do Brasil. 1.ª parte Brasiliana, vol. 76.
- 16) Luiz Vianna Filho — Op. cit.
- 17) Manoel Querino — Costumes Africanos no Brasil. Civ. Brasileira.
- 18) Abelardo Duarte — Notas sobre a população do termo da

- vila do Penedo (1828) — Sup. do "Jornal de Alagoas".
26.7.953.
- 19) Offícios do Ouvidor Batalha e do Governador e Cap. Gen. de Pernambuco.
 - 20) Gilberto Freyre — Prefácio de "O Negro na Bahia" — L. V. F.
 - 21) Nina Rodrigues — Op. cit.
 - 22) Arthur Ramos — Op. cit.
 - 23) Luiz Vianna Filho — Op. cit. . .
 - 24) Melo Moraes Filho — Festas e Tradições Populares do Brasil. Rio.
 - 25) Nina Rodrigues — Op. cit.
 - 26) Arthur Ramos — Op. cit.
 - 27) Arthur Ramoe — O Negro Brasileiro. Col. Div. Cient.
 - 28) Alfredo Brandão — Op. cit.
 - 29) Edison Carneiro — Negros Bantus. Cl. Bras.
 - 30) Alfredo Brandão — Op. cit.
 - 31) Arthur Ramos — O Negro Brasileiro. B. Div. Cient.

(OUTRAS FONTES CONSULTADAS)

- Padre Etlene Brasil — Os Malês — Revista do Inst. História Brasileira.
- Edison Carneiro — Antologia do Negro Brasileiro — Liv. do Globo.
- Gilberto Freyre — Casa Grande & Senzala — Col. Doc. Bras., 5.^a ed.
- G. Seligman — Les Races de l'Afrique.
- Edison Carneiro — Religiões Negras.
- Roger Bastide — Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto.
- René Ribeiro — Cultos Afro-Brasileiros do Recife — Bol. I. J. N. P. S.
- Dante Laytano — O Negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul.
- Vicente Lima — Xangô — Recife.
- Martin Fischer — Die Malês und ihr "Heiliger Krieg" — Serra Post Kalender. 1953. Ijuí.
- Nina Rodrigues — O Animismo fetichista dos Negros Bahianos.
- Gonçalves Fernandes — O Sincretismo religioso no Brasil.
- Emile Dermenghem — Mahomet et la tradition islamique.
- Pedro Calmon — Os Malês (Romance).

Composto e impresso nas oficinas da
«IMPrensa OFICIAL» — Maceió-Al.

